



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA
FACULDADE DE ITAITUBA - FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

EVILENE DOS SANTOS SOUZA

**DESAFIOS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA:
A importância da formação continuada para os professores da
EMEF São Tomé, Itaituba-PA**

EVILENE DOS SANTOS SOUZA

**DESAFIOS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA:
A importância da formação continuada para os professores da
EMEF São Tomé, Itaituba-PA**

Monografia de Graduação do Curso de
Licenciatura Plena em Pedagogia apresentada à
Faculdade de Itaituba para obtenção do título de
Licenciada Plena em Pedagogia.

Orientadora:
Profª Mestra Elina Renilde de Oliveira Ribeiro.

ITAITUBA – PA

2019

SOUZA, Evilene dos Santos.

DESAFIOS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: A importância da formação continuada para os professores da EMEF São Tomé, Itaituba-PA / Evilene dos Santos Souza – Itaituba: CLPP da FAI, 2019.

60 Fls.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Faculdade de Itaituba-FAI, Curso de Pedagogia, Licenciatura Plena em Pedagogia, Itaituba, BR-PA, 2019.

Orientadora: Prof^a Elina Renilde de Oliveira Ribeiro, Me.

1. Educação Inclusiva. 2. Formação continuada de professores. I. RIBEIRO, Elina.
II. Faculdade de Itaituba. Itaituba, BR-PA, 2019.

EVILENE DOS SANTOS SOUZA

DESAFIOS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA:

**A importância da formação continuada para os professores da
EMEF São Tomé, Itaituba-PA**

Monografia de Graduação apresentada ao
Colegiado de Pedagogia da Faculdade de Itaituba,
para obtenção do título de Licenciada Plena em
Pedagogia, sob a orientação da Profª Mestra Elina
Renilde de Oliveira Ribeiro.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: _____ Nota: _____
Profª Me. Elina Renilde de Oliveira Ribeiro

Avaliador: _____ Nota: _____
Profº Dr. Francisco Cláudio de Sousa Silva

Avaliador: _____ Nota: _____
Prof. Esp. Dhemesbraene Soares da Silva

Resultado: _____ Média: _____

Itaituba-PA, 02 de fevereiro de 2019.

Em primeiro lugar a Deus; aos meus pais, Odilene Costa dos Santos e José Satiro dos Santos; ao meu marido, José Wilkson Oliveira Souza, que segurou minha mão na hora em que mais precisei; a minha irmã Josilene Costa dos Santos, anjo que Deus enviou pra mim aqui na terra; aos meus filhos Wirley, Wilker, Wesley e João Erick por entenderem a minha ausência. A toda minha família e amigos que acreditaram em mim. A eles dedico esta conquista com muito amor e gratidão.

AGRADECIMENTOS

Gratidão ao meu Jesus, que iluminou o meu caminho durante essa jornada acadêmica para que pudesse galgar mais degraus da minha formação profissional.

A minha mãe, Odilena Costa dos Santos que sempre me apoiou nas horas mais difíceis e me deu incentivos para prosseguir minha trajetória acadêmica e superar os desafios da vida.

Ao meu pai, José Satiro dos Santos, que quando precisei, esteve ao meu lado, dando-me força e custeando todo o meu estudo para que eu pudesse concluir.

Ao meu esposo, José Wilkson Oliveira Souza que, mesmo vivendo momentos difíceis, aprendi que devemos superar as dificuldades e viver a vida intensamente sem se deixar vencer pelos obstáculos encontrados no meio do caminho.

Aos meus filhos, Wirley, Wilker, Wesley e João que são minha razão de viver, que me inspiram, me dão força, coragem e determinação por uma vida melhor! Obrigado filhos por existirem e me incentivarem a lutar e a vencer na vida!

A minha irmã, Josilene da Costa dos Santos, pelas palavras de incentivo, sempre digo que abaixo de Deus és meu anjo aqui na terra, és um dos meus motivos para continuar lutando.

Ao meu irmão, José Wadson Costa dos Santos, por sempre ser um amigo e sempre me proteger, acreditando sempre em mim, te amo.

As minhas amigas Reginalva, Carla, Luana, Raquel e Wanessa, por me ajudarem e acreditarem em mim nesses quatro anos, nos momentos em que nem eu mesma não acreditava mais em mim, sem a ajuda de vocês eu jamais teria conseguido.

Muito obrigada também à mestra Elina Renilde de Oliveira Ribeiro, que me orientou durante a elaboração desse trabalho, que confiou em minha capacidade me dando forças e incentivos para superar os desafios. Obrigada pelas vezes que me chamou atenção, fazendo com que eu me esforçasse mesmo me achando mimada, acredite, isso me deu muita força.

Aos colegas de turma pelo prazer de conhecê-los, pelo respeito, pela amizade e por compartilharmos ensinamentos durante essa jornada.

A todos os colaboradores dessa pesquisa, professores e equipe gestora da Escola Municipal de Ensino Fundamental São Tomé, Itaituba-PA.

*Porque sou eu que conheço os planos que tenho para vocês,
diz o senhor; Planos de fazê-los prosperar e não de causar
danos, plano de dar a vocês, esperança e um futuro.
(JEREMIAS, 29:11 - Bíblia Sagrada).*

RESUMO

Este estudo debateu os desafios da educação inclusiva e a importância da formação continuada para os professores do ensino fundamental, Itaituba-PA com o objetivo de compreender como se dá a formação do professor para trabalhar a aprendizagem do aluno com necessidades educacionais especiais, e apontar os desafios enfrentados pelo professor ao se deparar com alunos com necessidades educacionais especiais. Como procedimento metodológico usou-se referências bibliográficas que investigam a temática da identificação de necessidades educacionais especiais e a importância da formação continuada para os professores dos anos iniciais. E uma pesquisa de campo realizada com 04 professores na Escola Municipal de Ensino Fundamental São Tomé, Itaituba-PA. Os resultados da pesquisa demonstram que, a formação do professor para avaliar um aluno como necessidade educacional especial se dá através da graduação e da formação ofertada pela SEMED e na semana pedagógica. Os desafios enfrentados pelo professor ao se deparar com alunos que possuem necessidades educacionais especiais, é a sala super lotada, e a falta de preparo, a falta de apoio da família. O estudo comprovou que é a formação continuada na área de educação especial e inclusiva é fundamental na atuação profissional do professor.

Palavras-Chaves: Educação Inclusiva. Ensino Fundamental. Formação continuada de professores.

ABSTRACT

This study discussed the challenges of inclusive education and the importance of continuing education for elementary school teachers, Itaituba-PA, in order to understand how the teacher training to work the student's learning with special educational needs, and to challenges faced by the teacher when encountering students with special educational needs. As a methodological procedure, bibliographical references were used to investigate the theme of the identification of special educational needs and the importance of continuing education for the teachers of the initial years. And a field research carried out with 04 teachers in the São Tomé Municipal School of Elementary Education, Itaituba-PA. The results of the research demonstrate that the teacher training to evaluate a student as a special educational need occurs through the graduation and training offered by SEMED and in the pedagogical week. The challenges faced by the teacher when encountering students who have special educational needs, is the overcrowded room, and the lack of preparation, the lack of family support. The study proved that continuing education in the area of special and inclusive education is fundamental in the professional activity of the teacher.

Keywords: Inclusive Education. Elementary School. Continuing education of teachers

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Sujeitos da Pesquisa.....	42
Quadro 2. O que você entende por inclusão de crianças?.....	46
Quadro 3. Encontra alguma dificuldade no planejamento das aulas, para alunos com transtornos?.....	47
Quadro 4. Você teve capacitação para atuar com o tipo de necessidade apresentada pelo aluno?.....	47
Quadro 5. É importante a formação continuada dos professores pelos órgãos competentes?.....	48
Quadro 6. Como acontece o diagnóstico de alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem ou algum transtorno identificado?.....	49
Quadro 7. Que estratégias são utilizadas para promover a inclusão escolar e o desenvolvimento de todos em sala de aula?.....	51

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Frente da Escola EMEF São Tomé.....	43
Figura 2. Área interna da escola.....	44
Figura 3. Quadra Poliesportiva EMEF São Tomé.....	44
Figuras 4 e 5. Socialização dos dados da pesquisa.....	52
Figura 6. Socialização ao fim da palestra.....	53
Figura 7. Técnica educacional comentando sobre a palestra.....	53

LISTA DE SIGLAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
DI	Deficiência Intelectual
EI	Educação Inclusiva
EMEF	Escola Municipal de Ensino Fundamental
INES	Instituto Nacional de Educação para Surdos
INSM	Instituto Nacional de Surdos-Mudos
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
NEE's	Necessidades Educacionais Especiais
SEMED	Secretaria Municipal de Educação
TDAH	Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO BRASIL	13
1.1 CONSIDERAÇÕES HISTÓRICO-CONCEITUAIS	13
1.2 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E O DIAGNÓSTICO DAS DEFICIÊNCIAS	18
1.3 O PROFESSOR E O ALUNO COM DEFICIÊNCIA	22
2 FORMAÇÃO DOS PROFESSORES PARA EDUCAÇÃO INCLUSIVA	27
2.1 A FORMAÇÃO CONTINUADA DO PROFESSOR DA SALA COMUM	27
2.2 ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO	32
2.3 DESAFIOS DA PRÁTICA DOCENTE DE ALUNOS COM NEE's	37
3 DESAFIOS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO CONTINUADA PARA OS PROFESSORES DA EMEF SÃO TOMÉ, ITAITUBA-PA	42
3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	42
3.2 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA	43
3.3 CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DOS PROFESSORES	45
3.4 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
BIBLIOGRAFIA	56
APÊNDICE	59

INTRODUÇÃO

Este trabalho de Conclusão de Curso traz a discussão da temática referente aos desafios na educação inclusiva destacando a importância da formação continuada para os professores para trabalhar na educação inclusiva já que a demanda de alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem, transtornos, ou seja possuem necessidades educacionais especiais.

Ainda há muito a se fazer para a inclusão das crianças com necessidades educacionais especiais, pois se faz necessário derrubar muitos paradigmas, no sentido de preparar a sociedade para receber e aceitar as diferenças. É preciso, refletir sobre o desafio da educação inclusiva em sala de aula com alunos inclusos e comuns, bem como as dificuldades encontradas pelos professores frente essa problemática, ministrar aulas na perspectiva da educação inclusiva, sem a capacidade específica em serviço,

Dessa forma, foram elencadas algumas questões para direcionar essa pesquisa, a saber: Como se dá a formação do professor para trabalhar para avaliar um aluno com necessidades educacionais especiais? Como é a avaliação de alunos com necessidades educacionais especiais? Quais os desafios enfrentados pelo professor ao se deparar com alunos portadores de necessidades educacionais especiais?

Como procedimento metodológico, esse trabalho se deu por meio de pesquisa bibliográfica baseado nos seguintes autores: Carneiro (2016), Batista (2006), Fitó (2012), Pletsch (2009), Moreira (2016), entre outros. A pesquisa de campo foi realizada por meio de entrevistas com 4 professores que atuam na Escola Municipal de Ensino Fundamental São Tomé, Itaituba-PA, assim como a observação do ambiente escolar quanto à educação efetivamente inclusiva.

Esta monografia está organizada em três capítulos, sendo que o primeiro aborda as considerações histórico-conceituais, as dificuldades de aprendizagem e o diagnóstico das deficiências, e fala sobre o professor e o aluno com deficiência. O segundo capítulo, traz a formação dos professores na educação inclusiva, A formação continuada do professor da sala comum, o atendimento educacional especializado e os desafios da prática docente de alunos com NEE'S. Por fim, o terceiro capítulo traz a análise dos resultados obtidos junto à entrevista realizada com os professores, pois assim ser possível conhecer suas concepções e práticas.

1 EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO BRASIL

1.1 CONSIDERAÇÕES HISTÓRICO-CONCEITUAIS

A educação é de fundamental importância para a vida de todos os seres humanos. É por meio dela que a sociedade se desenvolve e o indivíduo passa a ter uma perspectiva de mudança de acordo com a sua realidade, possibilitando uma interação no mundo da leitura e da escrita buscando aprendizado e se tornando participantes ativos da cultura na qual está inserido. Com isso, a educação estará sempre presente na sociedade sendo o ponto de partida para o crescimento e a formação do indivíduo, e o direito a essa conquista está assegurado e expresso em várias leis que regem a sociedade. Apesar de saber que foi longa e dura a trajetória na busca de uma educação de igualdade para todos, principalmente para aqueles que são portadores de necessidades educacionais especiais.

A Educação Inclusiva busca a valorização de todos os alunos, de acordo com a realidade individual de cada um buscando identificar a sua característica, acolhendo todos, a fim de garantir que todos os direitos sejam respeitados. A Educação Inclusiva é algo que está sempre presente no cotidiano, e vem sendo estudada há muito tempo pelos profissionais da educação, pessoas com necessidades educacionais especiais, no Brasil e no mundo.

A Educação Inclusiva é um sistema de educação e ensino em que todos os alunos com necessidades educacionais especiais, incluindo os alunos com deficiência, frequentam as escolas comuns, da rede pública ou privada, com colegas sem deficiências. Para tanto, as escolas comuns precisam prever recursos e apoio para atender às necessidades destes alunos. (GIL, 2005, p. 12).

O Ensino da Educação Inclusiva está voltado para o envolvimento de todos os alunos com necessidades educacionais especiais, favorecendo a eles uma inclusão com os demais alunos da rede pública ou privada. A escola deve oferecer recursos adequados para receber esses alunos, possibilitando uma aprendizagem de igualdade para todos.

De acordo com Rosa (2009, p. 18), o paradigma da educação inclusiva é um novo referencial que rompe com os paradigmas existentes, uma vez que procura despertar o que cada pessoa tem de melhor, e dá espaço para que se use a

imaginação e a criatividade na busca de diferentes soluções para os problemas que se apresentam no dia-a-dia da sala de aula, tendo como base as novas compreensões a respeito da natureza e do homem. Torna-se necessário, então, definir os caminhos que se pode trilhar na educação a fim de estabelecer uma visão diferenciada e não fragmentada da realidade humana, tendo como desafio uma nova percepção do universo que está em contínuo movimento, em contínua expansão.

Entende-se por Educação Inclusiva o atendimento a todas as crianças em escolas do ensino regular, respeitando suas diferenças e atendendo suas necessidades, ressalvados os casos nos quais se demonstre que a educação nas classes comuns não podem satisfazer às necessidades educativas ou sociais da criança ou quando necessário para o bem – estar da criança. (BRASIL, 2003 *apud* SILVA, 2011, p. 12).

Nessa perspectiva, entende-se que a autora aborda a educação inclusiva como um direito de todas as crianças com necessidades educacionais especiais a estarem inseridas no ensino regular e de serem aceitas e respeitadas sem nenhuma distinção no espaço escolar, visando um aprendizado de qualidade.

A educação tem valor fundamental na vida de todos os seres humanos, pois por meio dela e com ela é que se desenvolve a autonomia e a independência, pois ingressa no mundo da leitura e da escrita aprendendo a decifrar o código alfabético e numérico e se torna participantes ativos da cultura na qual esta inserida. Nesse sentido, a educação sempre será o alicerce para o crescimento e a estruturação do indivíduo, e o direito a essa conquista está assegurado e expresso em várias leis que regem as vidas, apesar de saber que foi longa e dura a trajetória nessa busca, principalmente para aqueles subjugados ao poder exercido pelas minorias que sempre dominaram a sociedade.

A inclusão é uma inovação, cujo sentido tem sido muito distorcido e polemizado pelos mais diferentes segmentos educacionais. É um movimento mundial de luta das pessoas com deficiências e seus familiares na busca dos seus direitos e lugar na sociedade. Ela está ligada a todas as pessoas que não têm as mesmas oportunidades dentro da sociedade. No entanto, inserir alunos com déficits de toda ordem, permanentes ou temporários, mais graves ou menos severos no ensino regular nada mais é do que garantir o direito de todos à educação – e assim diz a Constituição. (DELANI; MORAES, 2012, p. 02).

De acordo com os autores, a educação vem sendo interpretada de várias maneiras pelos espaços escolares, tornando uma batalha de grande proporção no

mundo inteiro, onde as famílias lutam pela integração dos seus filhos no espaço proporcionado para que tenham uma socialização e que possam interagir na sociedade de forma igualitária.

Quando se fala de inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais, pode-se deparar diretamente no âmbito educacional, pois ele está presente no dia-a-dia, assegurada para todos, sem nenhum tipo de distinção, mesmo com os seus direitos. Ainda há muito a se fazer para a inclusão das crianças com necessidades educacionais especiais, pois se faz necessário derrubar muitos paradigmas, no sentido de preparar a sociedade para receber e aceitar as diferenças.

Carneiro (2016, p. 54) assegura que incluir é uma forma diferente do pensamento da vida em sociedade, e que a prática pedagógica fica um pouco mais abrangente. Em uma concepção de escola inclusiva, o objetivo é oportunizar a abertura de socialização para todos, independente de o aluno ter ou não uma necessidade educacional especial. Essa escola ainda não faz parte da nossa realidade porque, historicamente, a escola não foi criada nem desenvolvida para atender a todos, portanto, não se sabe fazer “inclusão”, pois, como concepção, implica mudança de valores e atitudes.

Desse modo, compreende-se que, a educação inclusiva está inserida e faz parte de várias declarações nacionais e internacionais em que se afirma o direito dos alunos com necessidades educacionais especiais a receberem uma educação escolar de igualdade com todos os que estão inseridos no âmbito escolar. A luta constante por uma educação de igualdade vem sendo abordadas por defensores dos direitos das pessoas com deficiência, onde possibilitou um aumento considerável de alunos com deficiência que recebem educação escolar junto de seus colegas sem deficiência,

A inclusão escolar demanda uma reunião de vários fatores: ambiente apropriado; políticas públicas direcionadas para área; formação dos professores e demais profissionais envolvidos no projeto; preparação do ambiente escolar tanto físico quanto emocional; entre outros. Ocorre que as escolas públicas encontram até dificuldades em receber os alunos comuns, pois as estruturas são insuficientes para atender o contingente de alunos matriculados, fato que culmina com as salas superlotadas, refletindo diretamente na qualidade de ensino oferecida. (MARQUES, 2011, p. 15).

Para que haja uma inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais no âmbito escolar, é necessário a junção de vários fatores que possibilitem um ambiente apropriado. O que se pode ver na realidade é que não há um espaço adequado e harmonioso para que se sintam acolhidos como todos os outros alunos, pois, o aluno com e sem deficiência precisa estar em constante harmonia e interligados com o mundo ao seu redor, visando o objetivo principal da educação, que é transformar o indivíduo em um ser reflexivo a fim de promover uma sociedade transformadora.

A inclusão rompe as desigualdades entre a sociedade, fazendo com que as pessoas com necessidades educacionais especiais sejam aceitas. Desse modo, busca compreender a importância de acolher a todas as pessoas, independente de suas diferenças, pois todos devem ter o entendimento de que ninguém deve ser excluído da sociedade, do ambiente em que é dele por direito.

[...] toda criança tem direito fundamental à educação, e deve ser dada a oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem, - toda criança possui características, interesses, habilidades e necessidades de aprendizagem que são únicas, - sistemas educacionais deveriam ser designados e programas educacionais deveriam ser implementados no sentido de se levar em conta a vasta diversidade de tais características e necessidades, - aqueles com necessidades educacionais especiais devem ter acesso à escola regular, que deveria acomodá-los dentro de uma Pedagogia centrada na criança, capaz de satisfazer a tais necessidades. [...] (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994 p. 155).

De acordo com a declaração de Salamanca, é direito de todas as crianças uma educação com o mesmo nível de ensino e aprendizagem. Apesar das diferenças individuais de cada criança, suas características, habilidades e necessidades de aprendizagem devem ser trabalhadas de acordo com rendimento e sua própria realidade. Essa realidade está presente no dia-a-dia das escolas brasileiras, que mesmo com a declaração de Salamanca visando a implementação de práticas em educação inclusiva, é necessário trabalhar nas escolas, modelos de educação que tenham o objetivo de preparar e respeitar os alunos com necessidades educacionais especiais.

É importante contextualizar a Educação Especial desde os seus primórdios até a atualidade, para que se perceba que as escolas especiais são as principais responsáveis pelos avanços da inclusão, longe de serem responsáveis pela negação do direito das pessoas com necessidades educacionais especiais, de terem acesso à educação. Evidencia-se que a

inclusão ou a exclusão das pessoas com deficiência estão intimamente ligadas às questões culturais. No Brasil, até a década de 50, praticamente não se falava em Educação Especial. Foi a partir de 1970, que a educação especial passou a ser discutida, tornando-se preocupação dos governos com a criação de instituições públicas e privadas, órgãos normativos federais e estaduais e de classes especiais. (ROGALSKI, 2010, p. 02).

Diante dos pressupostos, a educação especial vem sendo discutida desde os primórdios até os dias atuais, que através do aumento das escolas para alunos com necessidades educacionais especiais, houve-se um avanço no sistema educacional de inclusão, que dá oportunidade de acesso a uma educação, visto que no início as crianças com deficiência eram eliminadas da sociedade. Porém a partir da década de 1970 começou-se então a discussão e lutas pela criação de instituição públicas e privadas a fim de assegurar o direito de educação para todos.

Na finalidade de esclarecer a importância da Educação Especial no contexto inclusivo, a pessoa com deficiência era apontada e tratada com descaso e discriminação, sendo excluída da sociedade em determinados momentos da história. Com isso, se começou a refletir acerca da importância e atenção que essas crianças precisavam e precisam atualmente, que é a garantia de seus direitos assistidos. Sendo assim, o papel da educação e da sociedade de um modo geral, é de assumir uma postura realmente inclusiva.

As primeiras preocupações existentes sobre trabalhos voltados para as pessoas com deficiência tiveram início na Época do Império, onde foram criadas as primeiras instituições voltadas para a educação de pessoas cegas e de pessoas surdas, conhecido como o Instituto Benjamim Constant (1854) e o Instituto Nacional de Educação para Surdos - INES (1857), ambas fundadas no Rio de Janeiro, porém, tinha apenas o cuidado assistencial, pois mesmo sendo uma instituição educacional, ainda não havia uma preocupação no desenvolvimento da aprendizagem e sim, no caráter direcionado para a área de uma especialização de cuidados médicos.

Atualmente, a educação inclusiva está voltada para um todo, em que abrange toda e qualquer deficiência diagnosticada na criança. Na escola, o aluno é inserido de forma igualitária, porém com o avanço dos estudos começou-se a pensar então em um favorecimento das crianças com necessidades educacionais especiais, tendo a necessidade de serem acompanhadas por um profissional qualificado para atuarem na área da educação inclusiva, promovendo assim ao aluno uma integração dentro do âmbito escolar, tornando-o participante da sociedade como um todo.

1.2 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E DIAGNÓSTICO DAS DEFICIÊNCIAS

O processo de aprendizagem possibilita o aluno a desenvolver o seu próprio conhecimento através de um acompanhamento familiar adequado e um ambiente escolar que busque a interação do aluno com a sociedade, a partir do desenvolvimento escolar.

As principais dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos alunos geralmente estão relacionadas a algum problema que afeta o funcionamento de certas áreas do cérebro, bem como os conflitos familiares que também podem causar nos alunos dificuldades referentes à aprendizagem.

Os conhecimentos científicos sobre o desenvolvimento cerebral e os mecanismos que permeiam transtornos como a dislexia, o déficit de atenção com hiperatividade de (TDAH), o transtorno de aprendizagem não verbal (TANV), a síndrome de Asperger, a discalculia e etc. avançaram de forma extraordinária. Do mesmo modo, embora em ritmos mais lentos, avançaram os métodos de tratamento, que habitualmente consiste em reeducação e, algumas vezes, ajuda farmacológica. O tratamento tem como objetivo que as crianças possam, apesar de sua dificuldade em uma área específica, adquirir os conhecimentos fundamentais para concluir o ensino médio. Em alguns casos, inclusive, até a formação universitária. (FITÓ, 2012, p. 11).

Segundo a autora, através dos avanços científicos houve uma melhor possibilidade na capacidade de aprendizagem, pois o tratamento dessas crianças é de fundamental importância para que haja o processo de ensino aprendizagem. Assim, é possível obter um resultado maior na integração dos alunos em sala de aula, buscando um avanço de grande importância na sua formação social. Entretanto, é necessário estarmos atentos a sérios problemas como: disgrafia, disortografia, discalculia, dislalia e o TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade).

Uma das dificuldades de aprendizagem mais conhecidas na sala de aula é a **dislexia**, que se trata de uma dificuldade que acontece muito na sala de aula, causando um prejuízo grande para a instituição escolar. Segundo Santos (2009, p.10), a Dislexia é de origem grega e surge da contração das palavras *dis* = difícil, prejudicada, e *lexis*= palavra, caracterizando-se por uma dificuldade na área da leitura, escrita e soletração. Portanto, dislexia é a dificuldade que aparece na leitura, impedindo o aluno de ser fluente, pois faz trocas e omissões de letras,

inverte sílabas, apresenta leitura lenta, silabada, dá pulos de linhas ao ler um texto, etc. Estudiosos afirmam que suas causas têm origem de fatores genéticos, porém ainda nada foi comprovado pela Medicina.

A dislexia é uma dificuldade encontrada na leitura, impossibilitando o aluno a realizar a leitura fluentemente, fazendo com que ele troque as letras dos lugares e invente outras letras que não existem no texto.

A dislexia também conhecida como dificuldade específica para leitura, é um transtorno que faz com que uma criança com inteligência, motivação e escolarização normais não consiga aprender a ler de maneira fluente. A criança dislexa lê de forma trabalhosa, lenta, com pausas e correções. Muda as letras de lugar, inverte sílabas e pode até mesmo inventar palavras. Apesar dessa incorreta mecânica de leitura, normalmente consegue compreender razoavelmente bem o que lê. (FITÓ. 2012, p. 13).

Na visão da autora, as causas da dislexia não são muito conhecidas, não se sabe ao certo, porém o se trata de uma dificuldade apresentada na sua genética, através de suas áreas cerebrais, fazendo com que a criança fique impossibilitada de adquirir o mesmo desenvolvimento adequado de acordo com a sua faixa etária.

A criança que possui a dislexia apresenta uma demora para começar a falar e não desenvolve uma percepção fonética, ou seja, começa a pronunciar palavras errado porque não consegue assimilar os sons básicos das sílabas e letras. Uma criança dislexa sempre confunde a lateralidade, não consegue distinguir a direita com a esquerda e não consegue se organizar no espaço, fazendo com que isso seja um empecilho para escrever de forma incorreta, por exemplo: tatu por "tuta".

Outro comportamento freqüente é o uso trocado de letras com grafia similar (b por d, m por w, p por q), prejudicando no seu processo de ensino aprendizagem. Entende-se, portanto que, o tratamento da dislexia deve ser feito através de maior esclarecimento para a criança, explicando que o problema dela não é falta de inteligência e sim, um transtorno no processo de aprendizagem, e que o problema tem como ser revertido, e que ela poderá desenvolver a aprendizagem.

Outra dificuldade de aprendizagem muito comum nas escolas é a **disgrafia**, que é representada pelas dificuldades de escrita, é encontrado geralmente em crianças que tem dificuldade na coordenação motora, caracterizando-se pelo lento traçado das letras, que geralmente não são perceptíveis. Desse modo, “a disgrafia é

um transtorno da psicomotricidade, que é encontrada em uma criança que não consegue associar a grafia da letra”. Geralmente a criança fala bem, se expressa bem, consegue aprender, mas não tem a habilidade de transmitir para o papel de maneira legível suas ideias e pensamentos. A disgrafia manifesta-se tanto em relação à caligrafia quanto em relação à coerência.

Na disgrafia, o sujeito apresenta uma letra feia e com garranchos. Isso acontece por causa de uma incapacidade de recordar a grafia da letra, ou seja, ao tentar lembrar um grafismo, a criança escreve muito lentamente e, com isso, acabam unindo inadequadamente as letras, de maneira ilegível. Entre as causas, estão os distúrbios da Psicomotricidade, em geral, e os da perzepto-motricidade, em particular. (SAMPAIO, 2011, p. 125).

Segundo a autora, a criança que tem o problema de disgrafia, geralmente é conhecida por ter uma letra feia e escrever de maneira lenta e errada, tendo uma dificuldade de memorizar a imagem da letra. Apresenta também problemas de coordenação motora, ou seja, ela vê a figura da letra, mas não consegue realizar o movimento necessário para que a letra saia corretamente.

As características do digráfico estão associadas a vagarosidade na hora de escrever, possui uma letra difícil de o professor entender, é desorganizado, possui uma força muito grande na mão ou uma leveza na hora da escrita, não tem a percepção de espaço da folha, passando da margem da folha, deixando as letras amontoadas, troca e omite as palavras e os números escreve de baixo para cima, as letras geralmente são muito grandes ou pequenas demais. As crianças disgráficas possuem uma baixa autoestima, sentindo-se rejeitas por não conseguirem acompanhar as outras crianças.

Outro distúrbio encontrado dentro da sala de aula é o **TDAH**, ou um **Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade**. É um problema neurológico que causa nas crianças um comportamento diferente das outras. Geralmente, a criança que tem esse distúrbio não consegue controlar o seu comportamento, dificultando a sua aprendizagem, é um transtorno muito comum de ser encontrado no âmbito escolar.

Na visão dos autores, a criança que apresenta TDAH tem várias dificuldades de relacionamento tanto com a família e também com os estranhos, possui uma agressividade que impossibilita o aceitação de amizades com facilidade. As

crianças que tem TDAH são confundidas e taxadas como danadas, bagunceiros e mal criados, dificultando a aproximação da criança com a família e os amigos.

O TDAH tem origem biológica. É um erro acreditar que a causa esteja na educação dada pelos pais ou professores. As manifestações do TDAH são resultantes do mau funcionamento do cérebro. Atualmente, existem muitos estudos demonstrando a alteração do funcionamento do chamado Lóbulo pré-frontal e das estruturas do sistema nervoso a ele relacionadas. Nas pessoas com TDAH foram encontradas anomalias de caráter químico e estrutural no funcionamento dessas estruturas, especificamente, diferente de tamanhos, em relação à população geral. (FITÓ, 2012, p. 53).

Com base nas afirmações, não se pode julgar a família e a escola pelo mau comportamento da criança, pois existem vários estudos que apontam que este comportamento estar relacionado ao comportamento do cérebro, afetando o aprendizado da criança e a interação com sociedade. Com isso é importante que haja uma atenção voltada para esse problema a fim de que se tenha um tratamento adequado e eficaz.

O TDAH tem como características a desatenção, ou seja, tem problemas de falta de atenção, falta de concentração na hora de fazer as tarefas, porém só se interessa naquilo que é do seu próprio interesse como, assistir televisão, brincar com jogos de computadores, entre outros. Apresenta também uma impulsividade, que é uma pressa na hora de responder as perguntas, não tem paciência para leituras, e com isso elas geralmente dão as respostas erradas. As crianças com TDAH tem superatividade, estão sempre muito agitadas e ativas para qualquer hora, falam demais e tem dificuldades em parar quietos.

A **deficiência intelectual** é um dos distúrbios encontrados dentro da sala de aula. Através dessa dificuldade o aluno fica prejudicado na socialização do conteúdo deixando de acompanhar o processo de ensino da mesma forma que os demais alunos. Logo, é necessário que o professor esteja estimulando a capacidade de relação e de aprendizado desses alunos para que eles se sintam importantes e úteis em sala de aula facilitando o processo de inclusão e fazer com que a pessoa adquira independência em suas relações com o mundo.

Pessoas com deficiência intelectual ou cognitiva costumam apresentar dificuldades para resolver problemas, compreender ideias abstratas (como as metáforas, a noção de tempo e os valores monetários), estabelecer relações sociais,

compreender e obedecer a regras, e realizar atividades cotidianas - como, por exemplo, as ações de autocuidado.

De acordo com Tédde (2012 p. 6), a deficiência intelectual apresenta déficits cognitivos concomitantes ao funcionamento adaptativo, em pelo menos duas das seguintes áreas: comunicação, cuidados pessoais, vida doméstica, habilidades sociais/interpessoais, uso de recursos comunitários, independência, habilidades acadêmicas, trabalho, lazer, saúde e segurança. Sendo que, a mesma, deve ocorrer antes dos 18 anos de idade.

No contexto das ideias acima expostas, a autora afirma que o aluno que possui a deficiência de aprendizagem não tem o mesmo rendimento que um aluno dito normal, ele apresenta várias limitações em relação a aprendizagem em sala de aula, assim como também no âmbito familiar, sendo importante que haja um acompanhamento desde o princípio proporcionando um aprendizado de qualidade e igualdade.

O funcionamento intelectual está acompanhado de limitações significativas no funcionamento adaptativo em pelo menos duas das áreas de habilidade de comunicação, no autocuidado, na vida doméstica, nas habilidades sociais e interpessoais, no uso de recursos comunitários, na autossuficiência, nas habilidades acadêmicas, no trabalho, lazer, saúde e segurança.

As causas da deficiência intelectual são de vários fatores, pode ser pela genética, assim como as complicações no parto, assim como a má-formação fetal ou problemas durante a gravidez. A desnutrição severa e o envenenamento por metais pesados durante a infância também podem acarretar problemas graves para o desenvolvimento intelectual.

As pessoas que apresentam a deficiência intelectual possuem limitações nas suas habilidades mentais têm dificuldades em compreender ideias abstratas, resolver problemas, realizar atividades cotidianas, compreender e obedecer regras, bem como conviver com realidade estabelecida pela instituição escolar prejudicando a sua relação com o mundo social. Não existe cura para a deficiência intelectual, porém o seu tratamento deve ser acompanhado por um profissional especializado através de terapia comportamental, a fim de garantir uma melhor qualidade de vida.

1.3 O PROFESSOR E O ALUNO COM DEFICIÊNCIA

A educação é um processo que se faz presente em todo o mundo e a escola busca sempre caminhar para que haja a inclusão de alunos. Acontece constantemente de os professores receberem alunos com necessidades educacionais especiais, sendo um grande desafio trabalhar nas escolas a inclusão, uma vez que há uma grande diversidade cultural e a escola precisa ser um modelo de inclusão.

Não basta apenas que a escola aceite os alunos com necessidades educacionais especiais, e que permaneçam na escola, é necessário que a escola busque o aprendizado de forma geral para que beneficiem a todos os alunos envolvidos de maneira igualitária. Com isso, a escola deve buscar meios de se organizar em busca de um bom funcionamento da instituição através da prática pedagógica, e que os professores trabalhem para que haja em ensino de qualidade, buscando realizar capacitações a fim de obter um resultado eficaz no processo de ensino aprendizagem.

Durante o desenvolvimento das atividades em sala de aula, fica claro ao professor conhecer seus alunos e suas dificuldades e suas necessidades para que realmente aconteça à inclusão em sala, importante também saber conhecer, sobre o processo de desenvolvimento humano em suas diversas facetas examinando suas relações com aprendizagem, e nesse caso, contextualizar toda essa bagagem teórica. Educadores que se identificam como profissionais da aprendizagem suas salas de aula são lugares prazerosos onde tanto os professores quanto os alunos, são cúmplices de uma aventura que é o aprender a pensar. (BAGGIO, 2016, p. 32).

Na visão do autor, no processo de ensino e aprendizagem do aluno com necessidades educacionais especiais, é necessário que o professor procure conhecer cada aluno inserido em sua sala de aula. Assim, deverá realizar atividades que ofereçam as melhores condições possíveis de aprendizagem promovendo a inclusão desses alunos fazendo com que participem e se sintam importantes no âmbito escolar.

É importante que o professor se identifique com o seu trabalho, facilitando uma transmissão de prazeres e emoções em trocas de conhecimentos educacionais entre alunos, onde eles tenham as mesmas oportunidades de uma educação igualitária, visto que, cada aluno tem sua forma de aprender. Vale salientar que, o professor é um exemplo para esses alunos, pois ele irá ser o mediador do

conhecimento e podendo assim estar tornando alunos observadores e formadores de opiniões para uma sociedade em que se encontra em constantes transformações.

De acordo com Pletsch (2009, p. 149), o professor deve valorizar a diversidade como aspecto importante no processo de ensino-aprendizagem. Além disso, necessita ser capaz de construir estratégias de ensino, bem como adaptar atividades e conteúdos, não só em relação aos alunos considerados especiais, mas para a prática educativa como um todo, diminuindo, assim, a segregação, a evasão e o fracasso escolar.

Nesse sentido, o aluno não chega à sala de aula vazio, junto com ele vem uma vasta bagagem familiar, como sua cultura, a diversidade e comportamentos. Assim sendo, o professor precisa estar preparado para atender as necessidades individuais, levando em conta o conteúdo programado através de metodologias usando a criatividade nas suas práticas educativas, para que não haja uma evasão constante e que o ensino seja significativo para o aluno, tornando inserido na sociedade.

Para essa tomada de consciência é necessário questionar que para que o processo de ensino e aprendizagem aconteça é relevante ressaltar que não basta ao professor apenas a graduação. A realidade educacional na atualidade requer uma formação continuada dos profissionais da educação, buscando vários tipos de cursos, e se fazendo necessária uma formação na área da Educação Inclusiva, buscando o aperfeiçoamento e estando preparado para atender as dificuldades de aprendizagem encontradas dentro da sala de aula.

Para evitar que os alunos com necessidades educacionais especiais fiquem dispersos dentro da sala de aula e para que eles realmente aprendam na escola, os professores devem oferecer o ensino através de recursos pedagógicos para que todos os alunos sejam beneficiados e de práticas inovadoras, buscando sair da rotina diária. Elas devem ser moldadas de acordo como alunado.

Diante dessa realidade se faz necessário, portanto, que os professores saibam organizar vários momentos de aprendizagem que possam atender, de forma satisfatória, as necessidades educacionais de todos os alunos, inclusive dos com necessidades educacionais especiais.

Nesse sentido, a Resolução do CNE/CEB nº 01/2002 evidencia também a necessidade de que, na formação inicial e continuada de professores serem

discutidos os princípios de uma educação inclusiva e os fundamentos da Educação Especial.

Esses conhecimentos capacitarão os professores a perceberem a diversidade de seus alunos, valorizarem a educação inclusiva, flexibilizarem a ação pedagógica, identificarem as necessidades educacionais especiais e, junto com o professor especializado, implementarem as adaptações curriculares. Por meio destas medidas, espera-se que o professor esteja mais apto para trabalhar com a diversidade dentro de sala de aula e dentro da escola, contando, inclusive com auxílios de outras áreas para que possa satisfatoriamente realizar e organizar situações de ensino-aprendizagem em condições ótimas para os alunos com necessidades educacionais especiais. (VELTRONE; MENDES, 2007, p. 06).

Sob esse viés, as autoras afirmam que durante a formação inicial e continuada dos professores, é necessário que haja uma análise sobre os princípios da Educação Inclusiva e a partir dessa formação os professores terão uma base de conhecimentos preparando-os para a realidade que irá encontrar em sala de aula e conhecerem a diversidade do alunado.

Assim sendo, o professor precisa saber transmitir os saberes para os alunos de acordo com a especialidade de cada um, e para isso, o professor deve valorizar a educação inclusiva como um processo de fundamental importância para a sociedade. O professor deve desenvolver metodologias para promover a interação dentro da sala de aula, e trabalhe em parceria com outros profissionais.

O professor deve elaborar metodologias flexíveis para poder corrigir os alunos que tem dificuldades e oferecer oportunidades para que os alunos participem da elaboração de regras e procedimentos em sala de aula, bem como comunicar aos pais sobre as regras estabelecidas da escola, sendo primordial promover parcerias entre a família e a escola, estabelecendo atitudes positivas para o sucesso de cada aluno.

É através da interação do aluno em sala de aula que se desenvolve um melhor aprendizado. O professor deve permitir e buscar meios em que o aluno sinta a importância da sua presença em sala de aula, podendo ser sim um cidadão formador de opinião em meio à sociedade em que se vive, tornando-se participante ativo e cada vez mais apto para absorver o conhecimento adquirido em sala de aula.

Portanto, a partir desses pensamentos, é possível ressaltar que a melhor resposta para o aluno com necessidades educacionais especiais assim como para todos os demais alunos é que seja oferecida uma educação que respeite as

diferenças de cada estudante, bem como métodos pedagógicos que atendam às necessidades educacionais de cada aluno que esteja inserido dentro de um ambiente escolar favorável e acolhedor. Essa é a Educação Inclusiva que a sociedade precisa para viver de forma digna, promovendo um aprendizado de forma igualitária.

O professor que está na sala de aula regular não pode ser diferente de um professor de inclusão, pois deve ser valorizado o respeito de acordo com a sua capacidade dentro do âmbito em que esteja inserido, facilitando assim sua atuação de forma livre e criativa em um ambiente alegre. Assim proporcionar aos alunos uma oportunidade de participar das atividades adaptadas às suas necessidades, visto que o professor vai ser sempre o responsável pelo sucesso ou pelo fracasso da aprendizagem desse aluno.

Para tanto, o professor dentro da sala de aula atua como mediador, sendo aquele que busca promover um ensino igualitário, que respeite as diferenças, ressaltando que quando se fala em inclusão não se está falando só dos alunos com necessidades educacionais especiais, mas também de todo o corpo docente também, onde haja uma preocupação de formar cidadãos para a sociedade.

É também importante pensar que o professor é um agente transmissor de conhecimento que respeita as diferenças de cada aluno e que saiba agir de acordo com a sua diferença, e seu modo de aprender, agindo com amor e paciência, afim de promover uma aprendizagem significativa.

2 FORMAÇÃO DOS PROFESSORES PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA

2.1 A FORMAÇÃO CONTINUADA DO PROFESSOR DA SALA COMUM

Na atualidade, faz-se necessário estar em constante formação, pois a busca incessante por conhecimentos possibilita para o professor e para o aluno, uma educação de qualidade, permitindo a troca de saberes entre ambos. E com isso, a formação continuada busca valorizar o aprendizado de forma respeitosa, harmoniosa, e ainda proporcionar ao professor uma forma de estar sempre atualizado nas mudanças do sistema educacional, e na realidade da comunidade inserida tanto dentro como fora da instituição escolar.

De acordo com Soares e Carvalho (2012, p. 23), a formação do professor de educação especial no Brasil tem sido objetivo de preocupação dos governantes e gestores, bem como de estudos e pesquisas, desde pelo menos, a década de 1950. Data do início dos anos de 1950 a iniciativa da professora Ana Rimoli de Faria Dória, como diretora do Instituto Nacional de Surdos-Mudos, na implementação do Curso Normal Superior de Formação de Professores para Surdos, previsto no Regimento do Instituto aprovado em 1949, cuja primeira turma, composta de 52 alunos, graduou-se em 1954.

No contexto das idéias acima citadas, percebe-se que houve uma preocupação com a formação adequada para o professor atuar na educação especial. Com tudo, surge uma iniciativa partindo da Professora Ana Rimoli, que era diretora do Instituto Nacional de Surdos-Mudos, formando então um grupo de alunos especializados para atuarem na área da educação especial.

A LDBEN nº 9.394/96, além de assegurar currículo, métodos, técnicas, recursos e organização para o atendimento das necessidades destes alunos, determinou que esses alunos deveriam contar com professores especializados para atendimento de suas necessidades específicas e também com professores do ensino regular capacitados. (BRASIL, 2003 *apud* SOARES E CARVALHO, 2012, p. 38).

Conforme anteriormente referido, o professor licenciado em Pedagogia, está habilitado para atuar na educação, ele possui um pequeno conhecimento sobre a educação especial, porém não está plenamente capacitado para lidar com as dificuldades apresentadas para o atendimento com alunos que possui algumas

deficiências educacionais especiais. Para tanto, segundo a LDB é necessário que além de ter o professor de ensino regular na sala de aula, é preciso da presença do professor especializado para atuar na real necessidade do aluno, a fim de acompanhar e ajudar o mesmo para dar continuidade na sua vida educacional.

Professores capacitados para atuarem em classes comuns com alunos que apresentam necessidades educacionais especiais aqueles que comprovem que, em sua formação, de nível médio ou superior, foram incluídos conteúdos sobre educação especial adequados ao desenvolvimento de competências e valores para:

- I- perceber as necessidades educacionais especiais dos alunos e valorizar a educação inclusiva;
- II- flexibilizar a ação pedagógica nas diferentes áreas de conhecimento de modo adequado as necessidades especiais de aprendizagem;
- III- avaliar continuamente a eficácia do processo educativo para o atendimento de necessidades educacionais especiais;
- IV- atuar em equipe, inclusive com professores especializados em educação especial. (BRASIL. CNE, 2001, artigo 18, § 1º apud SOARES E CARVALHO, 2012, p. 39).

Nessa abordagem, fica explícito que tanto o professor de ensino regular, como o da educação especial estão aptos para atuarem nas classes, onde eles buscam desenvolver suas competências de forma adequada para atender as necessidades educacionais dos alunos de forma igualitária.

É também a partir desse artigo que fica visível a importância da valorização de uma educação inclusiva, onde é possível promover uma troca de conhecimentos tanto pelo professor da classe regular quanto pelo professor especializado. Ainda trabalhar em parceria de educar de forma em que o aluno seja o centro da aprendizagem, pois o objetivo da instituição de ensino é fazer com que o aluno se sinta inserido no âmbito educacional.

No Brasil, a formação de professores e demais agentes educacionais ligados à educação segue ainda um modelo tradicional, inadequado para suprir as reivindicações em favor da educação inclusiva. Vale destacar que, dentre os cursos de Pedagogia e de Pedagogia com habilitação em Educação Especial, poucos são aqueles que oferecem disciplinas ou conteúdos voltados para a educação de pessoas com necessidades especiais. (PLETSCH, 2009, p. 150).

Segundo a autora, falar da educação especial na atualidade ainda soa como um desafio a ser enfrentado e aceito pelos profissionais da educação, apesar de que é freqüente o número de alunos inseridos dentro da sala de aula que tem algum tipo de necessidade educacional especial. O atendimento as necessidades educacionais

especiais é uma modalidade de ensino que busca promover a inclusão dos alunos com tais necessidades, e a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) vem para assegurar essas políticas sociais da inclusão escolar para todos. Possibilitando que essas políticas alcancem todas as modalidades.

Dall'Acqua (2007, p. 116) ressalta que, num esforço de buscar um ensino de qualidade para todos os alunos, os conhecimentos necessários à formação de professores, inclusive dos especializados, necessitam estar assentados sobre todo o conhecimento científico desenvolvido a respeito de quais são as competências exigidas por essa área, no atual momento sócio-político em que se discute a educação inclusiva.

Nesse sentido, o autor ressalta a importância de o professor adquirir uma formação continuada, pois ele não pode se dar por acabado, sendo que as deficiências vão aparecendo e as dificuldades cada vez mais vão surgindo de formas diferenciadas, e é através da formação continuada que o professor estará apto para atuar nas diferentes deficiências encontradas na sala de aula.

A formação profissional não pode mais se reduzir aos espaços formais e escolarizados, organizados com esse fim. Ela precisa ser concebida como algo que pode se dar antes, durante e depois do processo formal, como “espaços de reflexão sobre o próprio trabalho”. Ou seja, precisa ser concebida como processo de desenvolvimento que se inicia no momento da escolha da profissão, percorre os cursos de formação inicial e se prolonga por todos os momentos de exercício profissional ao longo da carreira, incluindo as oportunidades de novos cursos, projetos e programas de formação continuada. (GIOVANNI, 1998 *apud* CARNEIRO, 2016, p. 56).

O professor deve estar consciente da importância de conhecer as necessidades dos alunos, através dessa consciência ele irá se sentir despreparado para identificar suas necessidades e avaliá-los. Para esta tomada de consciência, é necessário que o professor busque meios para se especializar e possuir instrumentos para identificar a potencialidade e os saberes de seus alunos.

Porém, o professor precisa sentir e acreditar que é possível que o processo de inclusão aconteça e que se sinta capaz de lidar com as dificuldades encontradas no seu dia a dia. Para tanto, o educador necessita buscar novas alternativas educacionais e melhorar sua formação, aprendendo novas formas de pensar e agir para atender as demandas exigidas em sua atuação profissional.

Se a inclusão qualificada depende do trabalho realizado em sala de aula, não como se prescindir, de um lado, do apoio especializado efetivo e concreto durante as atividades desenvolvidas na classe regular; de outro lado, para que o trabalho especializado redunde em melhor rendimento escolar; o professor por ele responsável necessita não só se inteirar do que se realiza na sala de aula, mas também possuir formação suficiente para, com base no que conhece do aluno com deficiência, sugerir modificações didáticas compatíveis com suas características. (SOARES; CARVALHO, 2012, p. 62).

Nessa perspectiva, não basta que o professor seja habilitado e ter o domínio da deficiência, mas que possua formação pedagógica para atuar de acordo com a necessidade, que tenha diferentes habilidades de produzir recursos em melhoria do rendimento dos alunos, além da sua real responsabilidade como especialista da área.

As políticas educacionais buscam apoiar os professores no processo de ensino aprendizagem, mas somente o educador, que está em sala de aula é que conhece a realidade do aluno e vivencia com o grupo a problemática que o aluno enfrenta, e com isso, o professor utilizará de sua capacitação através da formação continuada, ajudando e auxiliando o aluno a absorver o conhecimento a ser adquirido de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases de acordo com a evolução do aluno em longo ou curto prazo de tempo para a sua aprendizagem.

A transformação necessária na escola passa, entre outros fatores – políticos, sociais, econômicos –, pela mudança de concepção dos atores educacionais: gestão, professores, comunidade. Diante da necessidade de atendimento a esse novo paradigma que pressupõe o oferecimento de oportunidades iguais de ensino e aprendizagem para uma clientela diferenciada de alunos, o papel do professor ganha uma dimensão diferente. Embora o professor não seja o único responsável pelas mudanças necessárias, sua função ganha destaque – na escola, ele é o responsável direto pelo processo de ensino/aprendizagem dos alunos. Dessa forma, a discussão sobre formação de professores, tanto inicial como em serviço, é um imperativo. (CARNEIRO, 2016, p. 54, 55).

Para que o processo de ensino aprendizagem aconteça de forma prazerosa é preciso que o professor esteja disposto e seguro de seus conhecimentos diante da classe, isso influencia diretamente a motivação e o comportamento dos alunos. A inclusão dentro da sala de aula aconteça dentro do projeto pedagógico, é necessário que o professor tenha atitude positiva para criar um ambiente acolhedor na classe. Para isso, vale ressaltar que essa proposta seja encarada não somente pelo professor. E sim, deve fazer parte de todo o corpo docente, sentir-se apoiado e ajudado por toda a equipe de gestores e profissionais da educação especial.

A incessante busca por uma formação continuada permite ao professor, garantir a atualização e a transformação de sua técnica educacional profissional. A busca do conhecimento proporciona a reflexão sobre os princípios educativos criando a possibilidade de mudar os padrões já construídos. através da parceria da escola e dos educadores há uma disponibilidade de melhor integração a fim de permitam manifestar suas dificuldades, e assim passam a cumprir sua função no processo de inclusão.

O professor, frente a estes desafios, deverá ser bem preparado por meio de capacitações, como também ser incentivado a pesquisar para que, na prática, possa encarar as possíveis situações-problema, com a competência necessária para reconhecer as prováveis dificuldades de aprendizagem desenvolvidas dentro ou fora da escola. Para que possa ajudar tanto os alunos, em suas necessidades escolares, quanto os seus familiares, é preciso garantir-lhes o direito à informação e ao apoio, indispensáveis ao bom desenvolvimento das relações humanas, assim como a orientação e o encaminhamento aos locais com atendimento especializado, quando necessário. (PETRONILO, 2007, p. 29).

Diante disso, é importante salientar que a instituição de ensino é uma das grandes responsáveis para estar em constante busca de organizar meios para que a inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais seja cumprida através de formação continuada dos professores e com isso, a equipe gestora, poderá organizar reuniões para programar uma capacitação em prol desses alunos, promovendo assim uma troca de idéias e conhecimentos que irá enriquecer o trabalho do professor dentro da sala de aula através de estratégias e métodos para enfrentar os desafios.

Portanto, para que o processo de ensino e aprendizagem aconteça de forma eficaz, é muito importante que o professor busque uma formação de qualidade e tenha opções de atualização profissional, bem como formas de trabalhar a diversidade na sala de aula, visto que a formação continuada consiste em uma preparação do professor em parceria com o sistema educacional.

Diante de tudo o que foi abordado acima ressaltar que deve haver uma valorização profissional do educador, através do apoio e do incentivo e do material disponibilizado para ser trabalhado em sala de aula e assim haverá o crescimento das escolas para a oferta de uma aprendizagem que respeite e aceite as diferenças da Educação especial e a promoção do trabalho em equipe.

2.2 ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO

A educação no Brasil vem sofrendo várias modificações, e com ela as preocupações em qualificar os profissionais para atuarem de forma adequada, responsável e conhecedora das dificuldades em que os professores terão em seu dia-a-dia em sala de aula. Dessa forma surgiram políticas que atendem as crianças com necessidades educacionais especiais.

É no espaço de atendimento especializado que o professor atua como mediador do aprendizado em sala de aula regular, e contribui para o desenvolvimento das habilidades, funcionando assim como um recurso da educação especial na rede regular de ensino. Na realidade dos professores hoje em dia nas escolas públicas, há uma super lotação nas quais impossibilita o professor a trabalhar de forma que busque melhor qualidade e possibilidades para um aprendizado em que muitas vezes não há condições ou oportunidades de ter um olhar sensibilizado a respeito dos alunos com necessidades educacionais especiais. E com isso, surgiu o atendimento educacional especializado (AEE), possibilitando essa atenção especial ao aluno, atendendo às suas necessidades

Nas diretrizes desta política, o atendimento educacional especializado (AEE) surgiu na educação para ajudar os alunos com necessidades educacionais especiais de forma em que eles busquem realizar suas atividades, através do auxílio do professor em que poderá utilizar serviços e recursos próprios desse atendimento em sala de aula. Está previsto na Constituição de 1988 e dá direito e assegura as crianças com necessidades educacionais especiais a receber um atendimento voltado para as suas reais deficiências.

Em seu Artigo 208, a Constituição determina que esse atendimento ocorra, preferencialmente, na rede regular de ensino. É importante esclarecer que:

- a) esse atendimento refere-se ao que é necessariamente diferente da educação em escolas comuns e que é necessário para melhor atender às especificidades dos alunos com deficiência;
- c) o “preferencialmente” na rede regular de ensino significa que esse atendimento deve acontecer prioritariamente nas unidades escolares, sejam elas comuns ou especiais, devidamente autorizadas e regidas pela nossa lei educacional;
- d) o atendimento educacional especializado deve ser oferecido em horários distintos das aulas das escolas comuns, com outros objetivos, metas e procedimentos educacionais.
- e) as ações do atendimento educacional são definidas conforme o tipo de deficiência que se propõe a atender.

f) os professores que atuam no atendimento educacional especializado, além da formação básica em Pedagogia, devem ter uma formação específica para atuar com a deficiência a que se propõe a atender. (BATISTA, 2006, p. 09).

A partir dessa compreensão, a constituição afirma que os alunos que necessitam de atendimentos especializados devem ser acompanhados dentro da instituição escolar, em horários diferentes, com metodologias diferenciadas, que seja diretamente direcionada a sua necessidade específica e com isso, possibilitará uma interação na busca do desenvolvimento da sua aprendizagem.

Para isso é necessário que os professores estejam aptos para atuar no atendimento educacional especializado, tendo formação básica, e também específica, a fim de trabalhar com segurança, sabendo lidar com a dificuldade que o aluno apresenta no atendimento. Assim ele poderá realizar um trabalho de forma em que além de transmitir o conhecimento, o professor com a experiência irá enriquecer a sua vida profissional.

Segundo Soares e Carvalho (2012, p. 62), se a inclusão qualificada depende do trabalho realizado em sala de aula, não há como se prescindir, de um lado, do apoio especializado, efetivo e concreto durante as atividades desenvolvidas na classe regular. De outro lado, para que o trabalho especializado redunde em melhor rendimento escolar, o professor por ele responsável necessita não só de se inteirar do que se realiza em sala de aula, mas também possuir formação suficiente para, com base no que conhece do aluno com deficiência, sugerir modificações didáticas compatíveis com suas características.

Nessa perspectiva, não basta que o professor tenha a formação e o conhecimento, é preciso que esteja atualizado de forma profissional e pedagógica, para que possa utilizar-se de metodologias próprias que seja direcionada para aquele aluno que necessita de atendimento educacional especializado. Essa formação do profissional qualificado junto ao ensino possibilitará ao professor de forma adequada a estar apto atuar dentro dos padrões exigidos pelo sistema educacional.

Verifica-se, portanto, que, embora o documento defina que a função do AEE é a de identificar e elaborar recursos pedagógicos, ele amplia essa atuação para a eliminação das dificuldades de acesso. Além disso, determina que as atividades desenvolvidas AEE devem se distinguir das realidades na sala de aula comum, pois ele “complementa e/ou suplementa a formação com

vistas à autonomia e independência na escola e fora dela". (MEC, SEESP, 2008 *apud* SOARES; CARVALHO, 2012 p. 40, 41).

Tendo em mente os aspectos acima citados, apesar de que o documento comprove que o AEE deve elaborar e ampliar os recursos pedagógicos, esses recursos não podem ser confundidos com o trabalho realizado em sala de aula pelos alunos. Nesse sentido o professor da sala de aula regular que possui um aluno com necessidades educacionais especiais, está amparado pela lei a um Atendimento Educacional Especializado, e com isso o AEE deve realizar condições de acesso, participação e aprendizagem desse aluno no ensino regular.

O profissional que atua no AEE é responsável por fazer uma ligação entre o aluno e o professor da sala de aula comum, permitindo uma troca de experiência, que facilite a interação educacional do aprendizado entre ambos, favorecendo assim uma atuação na sociedade de forma em que esse aluno estará contribuindo para o professor adquirir mais conhecimento mediante o seu processo de desenvolvimento.

A Constituição Federal de 1988, no artigo 208, assegura que toda escola deve ofertar uma sala onde possa promover um atendimento especializado, com recursos multifuncionais e uma equipe especialista para oferecer o atendimento educacional especializado dentro da escola. Segundo o Decreto nº 6571, de 17 de setembro de 2008.

Considera-se atendimento educacional especializado o conjunto de atividades, recursos de acessibilidade e pedagógicos organizados institucionalmente, prestado de forma complementar ou suplementar à formação dos alunos do ensino regular. O Atendimento Educacional Especializado deve integrar a proposta pedagógica da escola, envolve a participação da família e ser realizado em articulação com as demais políticas públicas. (MACHADO, 2017, p. 27, *apud* BRASIL, 2008).

Dessa forma, entende-se que o atendimento educacional especializado (AEE) é uma nova concepção de Educação Especial, que veio para complementar a formação dos alunos que possuem necessidades educacionais especiais, que possibilita ao aluno diferentes formas de aprendizagem, através dos recursos didáticos pedagógicos, através de metodologias diferenciadas que consistem no desenvolvimento do aluno, garantindo assim ensino voltado para as suas próprias necessidades. Para que esse processo de desenvolvimento do aluno seja de forma positiva, faz-se necessário a interação, a participação da família, promovendo um

trabalho de parceria onde o principal objetivo é levar ao aluno a possibilidade de integração dentro do âmbito escolar.

É válido ressaltar que foi a partir da Constituição Federal (CF) de 1988, que novos direcionamentos para a Educação Especial começaram a ganhar forma. A carta magna trouxe, como um de seus fundamentos, o de promover o bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade ou quaisquer outros. No artigo 205 da CF define a educação como direito de todos, e, no artigo 206, estabelece igualdade de condições de acesso a permanência na escola, sendo dever do Estado garantir a oferta do Atendimento Educacional Especializado (AEE), preferencialmente na rede regular de ensino. (MOREIRA, 2016, p. 20).

Nessa perspectiva, observa-se que a partir da Constituição Federal de 1988, fica claro que houve um grande e importante avanço para a Educação Especial, fazendo com que os alunos com necessidades Educacionais Especiais ganhassem novas oportunidades de acesso a educação, visto que a educação é direito de todo o ser humano, independente de cor, raça, origem, sexo, todo o ser humano deve ter a oportunidade de acesso a educação, uma educação de igualdade, sendo dever do estado, garantir que essa educação realmente aconteça.

Portanto, as escolas devem disponibilizar de um ambiente adequado para receber os alunos com necessidades educacionais especiais, com recursos pedagógicos e materiais ofertados de acordo com a necessidade do aluno, assim como professores que sejam capacitados para trabalhar nesse ambiente, como afirma Siluk (2011) *apud* Moreira (2016, p. 25),

Para o professor atuar no AEE, ele “deve ter formação inicial que o habilite para o exercício da docência e formação específica na educação especial, inicial ou continuada”, estabelecendo ainda as atribuições do professor do AEE, o qual deve organizar o Atendimento Educacional Especializado na Sala de Recursos Multifuncionais, estabelecendo o tipo, o número de atendimento e, também os recursos pedagógicos e de acessibilidade que serão utilizados de acordo com as necessidades educacionais de cada aluno.

O profissional que vai atuar no Atendimento Educacional Especializado deve proporcionar aos alunos atividades que possam contribuir para o desenvolvimento da aprendizagem do aluno, buscando integrá-lo em situações de vivência dentro do âmbito escolar, para que ele se sinta um agente participativo, que mesmo com as suas dificuldades, seja um cidadão que saiba conviver com os outros, observando o

mesmo de forma cuidadosa para que ele não venha rotular o aluno, baseando-se em hipóteses do que o aluno poderá apresentar em determinados momentos.

Segundo Moreira (2016, p. 31) não existe nada mais simples e verdadeiro do que dizer que a melhor maneira de receber o aluno com deficiência é recebê-lo de braços abertos, permitir-se olhar aquela criança ou jovem além das eventuais dificuldades que possa trazer, acreditando nas possibilidades. Segundo esse viés, o professor deve conhecer e manifestar interesse pelo crescimento educacional do aluno.

É de fundamental importância que a interação entre os fatores biológicos, psicológicos, culturais e ambientais promove as habilidades e o desenvolvimento do aluno de forma que o professor desenvolva suas práticas pedagógicas com êxito e que seja adepto a trabalho da inclusão, estimulando nos alunos a sua autoconfiança, autonomia de pensamentos, sempre respeitando as suas limitações.

O professor que atua no Atendimento Educacional Especializado, possui a sua disposição diversos recursos para o desenvolvimento de uma educação digna para os alunos com necessidades educacionais especiais, através de jogos que estimulam raciocínio lógico e espacial, a coordenação motora, assuntos matemáticos e de Língua Portuguesa. Esses recursos possibilitam aos alunos um aprendizado de forma divertida e diversificada, promovendo assim um estímulo de suas idéias e habilidades.

A escola (especial e comum) ao desenvolver o atendimento educacional especializado deve oferecer todas as oportunidades possíveis para que nos espaços educacionais em que ele acontece, o aluno seja incentivado a se expressar, pesquisar, inventar hipóteses e reinventar o conhecimento livremente. Assim, ele pode trazer para os atendimentos os conteúdos advindos da sua própria experiência, segundo seus desejos, necessidades e capacidades. O exercício da atividade cognitiva ocorrerá a partir desses conteúdos. (BATISTA, 2006, p. 20).

Diante do que foi abordado, o atendimento educacional especializado deve despertar no educando o interesse do aluno a querer aprender, podendo estar reinventando ideias, desenvolvendo seu próprio trabalho para que o aluno desperte o seu cognitivo e o professor deve permitir ao aluno oportunidades para que ele desenvolva suas atividades livremente, de acordo com suas necessidades.

2.3 DESAFIOS DA PRÁTICA DOCENTE DE ALUNOS COM NEE's

A instituição escolar busca promover um ambiente agradável para os alunos no sentido de se incentivar e transmitir saberes que ajudam e contribui para uma sociedade mais justa e com menos desigualdades e discriminações. No entanto, espera-se que a escola colabore com a transformação, através das ações e práticas pedagógicas de nossas crianças a fim de que se transformem em adultos que respeitem e valorizem cada pessoa como ela é.

Sabe-se que o processo de ensino e aprendizagem é uma tarefa que envolve o saber de diferentes formas, domínio do conhecimento a ser socializado; competência técnico-pedagógica; planejamento; intencionalidade pedagógica; competência para perceber e atender às especialidades educacionais dos alunos. Diante disso, é notório o desafio proposto aos professores, onde muitos ainda não se sentem preparados para desenvolver metodologias de ensino.

O pedagogo é um profissional habilitado a aplicar na prática o conhecimento adquirido teoricamente, procurando organizar, supervisionar e avaliar currículos, métodos, técnicas e conteúdos, propor suportes didáticos e orientar quanto à avaliação. Ele é o elo entre todos os envolvidos nesse processo: instituições de ensino, familiares, comunidade e representantes do poder estatal da área da educação. Quando uma instituição consegue formar uma equipe pedagógica atuante e informada, a escola, como um todo, tende a funcionar muito melhor. (ROSA, 2009, p. 159).

Diante dos pressupostos, o professor atua na sala de aula com um conhecimento básico adquirido na sua formação inicial, através do ensino teórico repassado pelo corpo docente. Porém, é dentro da sala de aula, com a prática, que o professor irá conhecer a real situação vivenciada no âmbito educacional, pois neste ambiente estará convivendo com vários tipos de pessoas, cada um com um temperamento diferente, saberes diferentes e comportamentos diferentes.

Além disso, o professor também estará envolvido com o corpo docente da instituição, comunidade e família, tornando assim um desafio a ser enfrentado por ele, de contribuir para que no espaço escolar, aconteçam avanços e transformações, que possibilite ao aluno uma oportunidade de desenvolvimento educacional.

Para conseguir trabalhar dentro dessa proposta educacional, o professor precisa contar com o respaldo de uma direção escolar e de especialistas (orientadores, supervisores educacionais e outros), que adotam um modo de gestão escolar, verdadeiramente participativa e descentralizada. Muitas

vezes o professor tem ideias novas para colocar em ação em sua sala de aula, mas não é bem recebido pelos colegas e pelos demais membros da escola, devido ao descompasso entre o que está propondo e o que a escola tem o hábito de fazer para o mesmo fim. (BATISTA, 2006, p. 14).

Diante dessa realidade é importante salientar que para o professor desenvolver um bom trabalho, é necessário que haja uma parceria entre ele e a direção escolar e de especialistas, pois muitas vezes o professor trabalha com idéias inovadoras, causando um desconforto entre seus colegas. Por isso, é importante que o professor conheça o seu material de trabalho para que possa dialogar com o corpo docente a importância de desenvolver um trabalho diferenciado dentro do atendimento educacional especializado.

Segundo Sales (2008, p. 39), os desafios e as dificuldades são visíveis para a efetiva prática da inclusão escolar nas series iniciais na escola pública. É preciso, refletir sobre o desafio da educação inclusiva em sala de aula com alunos inclusos e comuns, bem como as dificuldades encontradas pelos professores frente essa problemática, ministrar aulas na perspectiva da educação inclusiva, sem a capacidade específica em serviço, tendo em vista que os benefícios da inclusão não são apenas para a escola pública, mas para a sociedade de modo geral.

Nesse sentido, o trabalho docente na sala de aula comum apresenta muitos desafios para o professor, pois o mesmo está preparado para trabalhar com alunos ditos normais, porém se depara com alunos que tem necessidades educacionais especiais, tornando ainda um desafio ainda maior, pois não tem preparação específica para lidar com situações diversas a serem encontradas em sala de aula.

Os professores colocam seu temor, diante do sistema educacional e social inclusivo, de serem cobrados e avaliados como incapazes ao não conseguir atingir o objetivo de ensinar ou mesmo trabalhar com os alunos com deficiência. A forma como o professor vê o seu aluno acaba muitas vezes por determinar a sua interação com ele, seu desempenho como estudante e de suas possibilidades de aprendizagem. Estas representações são conhecimentos construídos na experiência escolar, mas que não é tão facilmente observável para o professor quanto a absorção dos conteúdos curriculares. (FUMEGALLI, 2012, p.39).

Porém, o que se vê na realidade em sala de aula são professores que não possuem formação específica para atuar com alunos que tem necessidades educacionais especiais, assim como um espaço adequado para desenvolver atividades práticas e pedagógicas, e isso só vem a dificultar o aprendizado do aluno

de forma em que o mesmo não consegue desenvolver as suas habilidades. Entretanto, muitas vezes o professor, por rotina, deixa de perceber que o espaço da sala de aula é um momento oportuno para que haja uma troca de experiência, onde o mesmo possa analisar e discutir sobre prática adquirida em sala de aula, criando um momento de harmonia entre os alunos e o corpo docente.

Para responder aos desafios que se apresentam, é necessário que os sistemas de ensino constituam e façam funcionar um setor responsável pela educação especial, dotado de recursos humanos, materiais e financeiros que viabilizem e dêem sustentação ao processo de construção da educação inclusiva. É imprescindível planejar a existência de um canal oficial e formal de comunicação, de estudo, de tomada de decisão e de coordenação dos processos referentes às mudanças na estruturação dos serviços, na gestão e na prática pedagógica para a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais. (BRASIL, 2001, p. 36).

Contudo, ele deve refletir sobre suas ações, bem como a importante necessidade de se avaliar. “A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação teoria/prática sem a qual a teoria pode ir virando blá-blá-blá e a prática, ativismo” (FREIRE, 2002 *apud* SIQUEIRA, 2015, p. 24). De acordo com a autora, o agir do professor em sala de aula com os alunos deve estar estabelecido de modo flexível onde todos possam ter oportunidade de desenvolver o seu potencial e seu cognitivo, utilizando a prática através do conhecimento teórico, buscando metodologias e práticas que envolvam todos os alunos.

Em suas pesquisas feitas nas redes públicas e contato com os docentes em cursos e eventos pedagógicos tem evidenciado a presença e o crescimento de demandas e exigências pelos professores, dentre elas pode ser destacada, participação na gestão administrativa e pedagógica da escola e os desafios no ensino em decorrência de reformas e mudanças. Os grandes problemas sociais aparecem de forma mais perverso dentro da escola porque atingem uma população infantil que precocemente sente o peso da fome, do desamparo e dos sinais de um futuro sem esperança. Nesse cenário o professor é desafiado a educar essa população, tarefa que, para ser desempenhada termina passando por várias outras, como resolver problemas emocionais, orientá-los em relação ao comportamento sexual, trabalhar com a prevenção ao crime e às entre outros, fica evidente nesse quadro que estão sendo colocados responsabilidade e tarefas muito complexas e demasiado numero de problemas para o docente solucionar. (TEIXEIRA 2011, p. 44, 45, *apud*, VEIGA, 2003).

Nessa abordagem, verifica-se a importância da atuação do profissional junto à comunidade escolar. Ele desenvolve múltiplas funções, onde além de conhecer a metodologia da escola e seu currículo, deve estar desempenhado para resolver

problemas diversos. Um dos grandes desafios para o professor é a busca de entendimento da vida do aluno, pois muitos chegam já com uma bagagem pesada, e o professor precisa estar apto para ajudar o aluno no sentido compreensão do mundo social, prevenindo os mesmo de não se sentirem importante dentro da sociedade. O professor é responsável por contribuir para que o aluno consiga desenvolver o seu cognitivo, através do conhecimento pedagógico, onde busca valorizar a identidade que define o caráter e a moral do aluno.

Os professores têm receio em aceitar estas crianças em suas salas por se acharem incapazes de realizar um trabalho adequado com elas. Vê-se ainda que poucos são os professores especializados e que a maioria das escolas não contam com um suporte técnico para um atendimento integrado ao professor da classe comum, levando-o a estabelecer formas criativas de atuação com as crianças com necessidades especiais. O esforço realizado para a integração do deficiente no Ensino Regular não vem surtindo o resultado esperado pelos organizadores, pela falta de preparo das Unidades Escolares para receber estes indivíduos. (MICHELS; DIAZ, 2008, p. 117).

Dessa forma, surgiu à necessidade de atendimento aos alunos com necessidades educacionais especiais, esse atendimento se deu através dos serviços a serem trabalhados na educação especial com alunos incluídos, que orienta, que acompanha e que auxilia os educadores que atuam com as crianças especiais. Surgiu assim o professor itinerante ou especializado, que atua dentro da sala de aula como um facilitador e tem o papel de fornecer bases para a construção, estabelecendo a integração e a inclusão para os alunos que tem necessidades educacionais especiais em classes comuns, a fim de proporcionar uma educação de qualidade para todos, e fazer adaptações que atendam as necessidades especiais dos alunos.

Pode-se dizer que o ensino itinerante, composto preferencialmente, por um professor especialista em Educação Especial, parece representar uma proposta educativa viável como suporte para a educação inclusiva, principalmente em escolas com um considerável número de crianças especiais, onde não há disponibilidade, em todas as escolas públicas, de professores especialistas para o atendimento de alunos com diferentes tipos de necessidades especiais. (SILVA, 2012, p. 35).

Diante desse viés, entende-se que o professor itinerante (especializado) veio para atender o público que possui necessidades educacionais especiais em escolas públicas, onde são consideradas o maior número de alunos que precisam de um atendimento diferenciado dos demais. A inclusão necessita do desenvolvimento do

professor especializado para proporcionar o convívio dentro da diversidade e respeito as diferenças buscando sempre a inclusão como um motivo para que a escola se modernize e aperfeiçoe suas práticas educacionais.

Segundo Silva (2012, p. 37, 38), outro limite que o professor especializado vivenciará é a resistência em maior ou menor grau, explícita ou implícita, por parte dos professores regulares e de outros agentes escolares à inclusão de alunos com necessidades especiais nas classes regulares. Tal resistência revela, sobretudo, a dificuldade dos professores regulares modificarem a sua prática pedagógica, a fim de contemplar a diversidade do alunado.

O professor itinerante em sala de aula comum trabalha com o suporte para os professores, ele trabalha diretamente com o aluno e promove a ligação do ensino para o aluno, onde exige ações em atitudes diferenciadas de acordo com o aluno a ser atendido, visto que ele é o mediador do conhecimento, e pode contribuir de forma positiva para que o aluno com necessidade educacional especial consiga progredir no seu processo de ensino aprendizagem. O trabalho oferecido pelo ensino itinerante tem possibilitado uma segurança maior aos professores da sala de aula comum, no que diz respeito ao aluno incluído, pois ele contribui com o professor dentro da sala de aula.

O professor especializado é de fundamental importância na educação básica, é visto como o conhecedor de todas as informações, aquele que possui características que encontre as respostas prontas para os conflitos ou dificuldades existentes com a criança que tem necessidades educacionais especiais. Tem a função de planejar, adaptar e avaliar o processo de ensino-aprendizagem, pois ele busca meios para que a inclusão e acessibilidade nas escolas para que esses alunos se apropriem de uma dinâmica da inclusão, entre outros fatores educacionais.

A educação inclusiva busca transformar a aprendizagem no âmbito educacional, social e familiar, sensibilizando e realizando entre todas as funções o acesso e a permanência de alunos que possuem necessidades educacionais especiais. Trata-se uma construção conjunta e reflexiva que buscam ações de todos os profissionais na qual dão vida a uma sociedade mais justa, em que todos têm direito a uma educação de qualidade, visando a transformação de adultos conscientes.

3 DESAFIOS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO CONTINUADA PARA OS PROFESSORES DA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL SÃO TOMÉ, ITAITUBA-PA

3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa fundamenta-se de forma exploratória e referências bibliográficas que investigam a temática da identificação de necessidades educacionais especiais e a importância da formação continuada para os professores do ensino dos anos iniciais. A pesquisa bibliográfica está baseada em autores que tratam da temática como Silva (2012), Teixeira (2011), Batista (2006), Sampaio (2011), Pletsch (2009) e Moreira (2016), dentre outros que destacam a importância da formação continuada para a educação especial. No mês de novembro de 2018 foi realizada uma pesquisa de campo através de questionário com 04 professores da EMEF São Tomé, Itaituba-PA, assim como a efetivação de uma conversa com a técnica educacional desta Unidade Escolar, a qual acompanha e orienta o trabalho com os professores há mais de 10 anos. O estudo apresenta a análise da pesquisa de forma argumentativa. Os resultados da mesma estão demonstrados por meio de quadros.

Os sujeitos dessa pesquisa são todos formados em Pedagogia. O quadro 1 traz a identificação dos professores entrevistados que atuam do 1º ao 5º ano, onde todos os professores possuem alunos inclusos com alguma deficiência ou uma dificuldade de aprendizagem.

Quadro 1. Sujeitos da Pesquisa. Fonte: Professores da Escola São Tomé, Itaituba/PA (2018).

Entrev.	Formação	Cursos na área da Ed. Especial ou Inclusiva	Série/Ano	Nº de alunos/turma	Alunos com defic./dific./ transtorno?
P ₁	Pedagogia	Cursos oferecidos pela SEMED e capacitação da semana pedagógica	3º ano	32 alunos	06
P ₂	Pedagogia	Formação ofertada pela escola na semana pedagógica e pela SEMED.	4ºano	28 alunos	01
P ₃	Pedagogia	Psicopedagogia incompleta e formação ofertada pela SEMED	4º e 5º anos	32 e 20 alunos	09
P ₄	Pedagogia	Não, apenas participação em palestras e seminários.	1º e 2º anos	28 e 23 alunos	04

Conforme observado, os professores são todos formados na sua área específica que é a Pedagogia, entretanto cursos específicos dentro da área para

melhor atender o aluno com NEE's não se ver, apenas algumas palestras e formação ofertadas pela SEMED ou durante a semana pedagógica. Foi possível observar que as salas são cheias e que em cada sala existe um ou mais aluno que necessita de uma orientação especializada do professor. Como nos relata a P3, que tem um número elevado de aluno com necessidades educacional especial (09 alunos) e que a mesma começou uma pós graduação e não finalizou, sendo que a mesma necessita concluir a sua formação continuada.

Nota-se também que a despreocupação dos professores em buscar uma formação continuada para atender os alunos que estão presentes em sala de aula diariamente. Está claro que tem alunos com necessidades educacionais especiais para serem atendidos e a formação que os professores tem não é suficiente para a realização de um bom trabalho e para atuarem diretamente com esses alunos. Já a P4 ainda afirma que só possui conhecimentos através de palestras e seminários de outras formações e que isso foi o suficiente para que a mesma pudesse atender esses alunos que tem em sala de aula no momento.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA PESQUISADA

A Escola Municipal de Ensino Fundamental São Tomé está localizada à Rua Nossa Senhora do Bom Remédio s/n, no bairro São Tomé, periferia da cidade de Itaituba, tem como entidade mantenedora a Prefeitura Municipal de Itaituba, administrada pela Secretaria Municipal de Educação. Funciona em prédio próprio do município, cercada em alvenaria. O prédio é dividido em cinco (05) pavilhões, no primeiro pavilhão encontra-se a diretoria, a secretaria, o refeitório, a cozinha, o espaço do programa mais educação e a sala dos professores que ainda estão em revitalização. A Figura 1 traz a frente da escola.



Figura 1. Frente da EMEF São Tomé (2018).

No segundo pavilhão encontra-se o laboratório de informática que está sendo ocupada por uma sala de aula do 1º ano. No terceiro pavilhão encontra-se quatro (04) salas de aula, a sala da orientadora educacional. No quarto pavilhão encontra-se a sala de atendimento educacional especializado, os banheiros, sendo um para alunos com necessidades especiais e o lavabo. No quinto pavilhão está uma sala de leitura, 01 sala de aula e a cantina.

As figuras 2 e 3 demonstram a área coberta recreativa para a realização de esporte e lazer dos alunos, e um bom espaço para a circulação dos alunos durante o recreio.



Figura 2. Área Interna da escola.



Figura 3. Quadra Poliesportiva.

A captação de água é feita de um poço artesanal localizado na área da escola; a escola ainda possui um espaço destinado a horta escolar. Ressalta-se que há nos arquivos da escola não foi encontrado nenhuma planta ou projeto referente ao processo de revitalização da mesma e que os ambientes aqui descritos foram feitos a partir de relatos dos funcionários.

A referida escola foi fundada no dia 1ª de maio de 1980, sob a administração do Exmo. Sr. Altamiro Raimundo da Silva, prefeito municipal na época. Em 1983 foi ampliada pelo Exmo. Sr. Prefeito municipal Francisco Xavier Lajes de Mendonça. Nos anos 1983 a 1992 funcionou com apenas 03 (três) salas de aula. Foi então que na administração do Exmo. Sr. Wirland da Luz Machado Freire, prefeito municipal no período de 1993 a 1996 construiu mais (três) salas de aula. 01 (uma) cozinha e 04 (quatro) banheiros. A escola foi fundada com o objetivo de atender a comunidade em geral principalmente dos bairros situados aos arredores da mesma.

Atualmente tem um quadro com 28 funcionários, sendo: 01 Diretora, 01 orientadora técnica, 01 Secretário, 01 Assistente de Secretaria Escolar, 14 professoras. Atendendo a 362 alunos de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, funcionando em 02 turnos – manhã e tarde.

A escola municipal São Tomé tem a missão de lutar pela garantia do acesso e permanência do aluno na escola, bem como, proporcionar uma educação de qualidade social, igualitária e compromissada, visando à formação dos cidadãos críticos, reflexivos e atuantes na sociedade. Tendo ainda, o respeito, o compromisso, a solidariedade e a valorização como valores que norteiam nossas ações. A referida escola funciona atualmente sobre a Direção da professora Marinalva Melo das Neves, Licenciada Plena em Pedagogia, com pós graduação em Pedagogia Escolar.

3.3 CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DOS PROFESSORES

A pesquisa em educação tem por objetivo compreender a realidade estudada para melhor intervir e transformá-la. Desse modo, com vistas a aprofundar o estudo sobre os desafios da formação dos professores na Educação Inclusiva, foi perguntado inicialmente na questão1: **Como você avalia o seu trabalho frente à educação inclusiva?** Foi possível observar que a metade dos professores entrevistados consideram seu trabalho frente a educação especial suficiente para realizar um bom trabalho, no entanto a outra metade acredita ser necessário uma formação continuada na área da educação especial, pois não se sentem aptos o suficiente para atender a demanda de alunos especiais. Justificam-se pelo fato de que as salas de aula estão sempre super lotadas e os professores necessitam dar atenção a todos os alunos.

O professor, frente a estes desafios deverá ser bem preparado por meio de capacitações, como também ser incentivado a pesquisar para que, na prática, possa encarar as possíveis situações-problemas, com a competência necessária para reconhecer as prováveis dificuldades de aprendizagem desenvolvidas dentro ou fora da escola. (PETRONILO, 2007, p. 29).

Continuando a conversa com os professores entrevistados, foi perguntado na questão 2: **O que você entende por inclusão de crianças com necessidades**

especiais nas classes regulares? Os relatos dos entrevistados estão descritos no quadro 2.

Quadro 2. O que você entende por inclusão de crianças? Fonte: Professores de EMEF, São Tomé, Itaituba/PA(2018).

Profº.	Relato dos professores
P ₁	<i>Entende-se que são crianças que devem ser tratadas por iguais, porém respeitando suas peculiaridades.</i>
P ₂	<i>Inclusão de crianças com necessidades especiais nas classes regulares é importante para o desenvolvimento social e cognitivo dos mesmos, pois acredita-se que todos podem se desenvolver. Basta ter um apoio pedagógico o qual é oferecido na escola.</i>
P ₃	<i>Entendo que seja um direito de todos o qual o sistema educacional precisa atender a todas as necessidades especiais que a Declaração de Salamanca(1994) consiste na aprendizagem conjunta.</i>
P ₄	<i>Entendo que ao ser matriculado uma criança com necessidade especial na classe regular, ela vai ser atendida igualmente as crianças ditas normais, interagindo e participando de todas as atividades.</i>

Ao analisar as respostas foi possível verificar que os professores compreendem a educação inclusiva e as necessidades do aluno estar inserido na classe regular, pois é de fundamental importância para o desenvolvimento cognitivo e social de cada aluno respeitando as suas diferenças, como afirma a P1: “que devem ser tratados por iguais, porém respeitando suas peculiaridades”, e a P3 ressaltou ainda a lei que assegura o direito da permanência desse aluno dentro da sala de aula regular.

É nítido que os professores têm o conhecimento sobre o direito de cada criança e da importância de inclusão das mesmas em sala de aula. Para eles, todos os alunos que estão regularmente matriculados devem ser tratados de forma igualitária. Segundo Moreira (2016, p. 31), não existe nada mais simples e verdadeiro do que dizer que “a melhor maneira de receber o aluno com deficiência é recebê-lo de braços abertos, permitir-se olhar aquela criança ou jovem além das eventuais dificuldades que possa trazer, acreditando nas possibilidades”.

Quando perguntados na questão 3: **Você encontra alguma dificuldade para desenvolver seu planejamento com alunos que possuem dificuldade de aprendizagem ou algum transtorno não diagnosticado?** O quadro 3 traz o relato dos professores quanto as suas dificuldades em desenvolver o planejamento quando o aluno possui alguma dificuldade.

Quadro 3. Encontra alguma dificuldade no planejamento das aulas para alunos com transtornos?
Fonte: Professores de EMEF, São Tomé, Itaituba/PA(2018).

Profº.	Relato dos professores
P ₁	<i>Sim.</i>
P ₂	<i>Durante os meus anos de experiência sempre conseguir desenvolver meu planejamento, apenas uma vez tive muita dificuldade com uma aluna com necessidade especial, mais que com ajuda da direção escolar da família e da SEMED foi possível concluir o meu trabalho.</i>
P ₃	<i>Sim, principalmente com alunos que não tem diagnóstico.</i>
P ₄	<i>Sim, muita dificuldade porque as vezes planejo uma atividade porém o aluno para poder desenvolvê-la necessita de ajuda individual, sendo que, nem sempre é possível atendê-lo.</i>

A resposta SIM é unânime, pois a maioria tem muita dificuldade em desenvolver o seu planejamento principalmente quando o aluno não possui um diagnóstico, como nos afirma a Profª 4. Desse modo, todos os professores encontram dificuldades para planejar sua aula de forma com que venha contemplar todos os alunos incluindo os alunos com deficiência, fazendo com que o professor se limite em suas metodologias a serem aplicadas, e com isso faz-se necessário levar em conta a importância da formação continuada.

Ainda foi perguntado aos professores na questão 4: **Você teve alguma capacitação para atuar com o tipo de necessidade apresentada pelo aluno? E este ano, passou por alguma capacitação? Se, sim, a capacitação atendeu suas expectativas?** O quadro nº 4 relata se houve uma capacitação por parte dos professores e se atendeu as expectativas.

Quadro 4. Você teve alguma capacitação para atuar com o tipo de necessidade apresentada pelo aluno? Fonte: Professores de EMEF, São Tomé, Itaituba/PA(2018).

Profº.	Relato dos professores
P ₁	<i>Sim, semana pedagógica e PNAIC.</i>
P ₂	<i>Apenas nas formações oferecidas pela semana pedagógica da escola e pela SEMED.</i>
P ₃	<i>Não tive capacitação, porém a pesquisa acerca de algumas dificuldades nos auxiliam a melhorar compreender e assim mudar didática para uma aprendizagem eficaz.</i>
P ₄	<i>Não tenho capacitação específica para atender a todas as necessidades apresentadas.</i>

Considerando as respostas, compreende-se que duas das professoras entrevistadas se diz não ter passado por capacitação para atuar em determinada dificuldade em que o aluno venha apresentar em sala de aula. Somente a Profª 1 e a Profª 2 dizem que possuem capacitação ofertadas pelos órgãos públicos.

Indagando a técnica da escola sobre essa questão da formação dos professores, a mesma relata que não há ofertas de capacitação por conta da SEMED. A direção da escola busca por meios próprios e individuais estar sempre ofertando cursos de capacitação para seus professores. De fato, a falta de interesse dos professores em ir em busca de conhecimentos através de uma formação continuada é preocupante perante ao grande número de alunos que apresentam alguma dificuldade de aprendizagem.

Nesse contexto, a formação profissional não pode mais se reduzir aos espaços formais e escolarizados. “Ela precisa ser concebida como algo que pode se dar antes, durante e depois do processo formal, como espaços de reflexão sobre o próprio trabalho” (GIOVANI, 1998 *apud* CARNEIRO, 2016, p. 56).

Na questão 5 perguntou-se: **Em sua opinião, é importante a formação continuada dos professores pelos órgãos competentes?** O quadro 5 vem informar a opinião dos professores mediante a importância da formação continuada.

Quadro 5. É importante a formação continuada dos professores pelos órgãos competentes? Fonte: Professores de EMEF, São Tomé, Itaituba/PA(2018).

Profº.	Relato dos professores
P ₁	<i>Sim.</i>
P ₂	<i>Sim, acredito que nos ajudaria muito ter formação continuada dos professores pelos órgãos competentes.</i>
P ₃	<i>Sim, pois nos auxilia e pode nos dá suporte em situações que poderemos vivenciar em sala de aula.</i>
P ₄	<i>Sim, é muito importante, pois devemos estar em constante aperfeiçoamento, visto que o mundo está em constantes mudanças.</i>

Mediante as respostas, é possível observar que todos os professores entrevistados, afirmam que é importante a formação continuada e que essa formação deve ser ofertada pelos órgãos competentes. A técnica da escola relatou que a formação inicial deixa muitas lacunas e a formação continuada é forma de sanar ou minimizar as dificuldades do professor em atender os alunos em suas especialidades. É por isso que, conhecimento nunca é demais, pois possibilita a interação do professor com a realidade na qual o mesmo está inserido, e é através do apoio dos órgãos competentes que professor poderá vir a melhorar a sua qualidade de saberes para que possa desenvolver uma metodologia adequada em sala de aula.

Também se procurou saber na questão 6: **Você já buscou capacitação com recursos próprios para melhor atender o aluno que apresenta dificuldades**

diversas? A resposta dos professores demonstra a importância da busca da capacitação por meios próprios. Avaliando as respostas compreende-se que, dos entrevistados 2 já tiveram interesse em buscar uma capacitação e outros 2 ainda não se dispuseram a fazer essa procura. A Profª 4 por esse exemplo, foi em busca de formação através das redes sociais para adquirir um conhecimento que pode proporcionar um bom trabalho, a fim de promover um ensino adequado para o aluno que venha apresentar alguma dificuldade em sala de aula.

Apesar de que os professores tenham afirmado na questão anterior de que a formação continuada é importante, aqui foi possível observar que somente a metade dos professores buscou uma capacitação continuada para atender melhor seu alunado que esteja precisando do seu apoio.

Continuando a entrevista na questão 7, foi perguntado: **Como acontece o diagnóstico de alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem ou algum transtorno não identificado?** O quadro nº 6 relata como acontece o diagnóstico do aluno na concepção dos professores entrevistados que possuem alunos incluídos em suas salas de aula.

Quadro 6. Como acontece o diagnóstico de alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem ou algum transtorno não identificado? Fonte: Professores de EMEF, São Tomé, Itaituba/PA (2018).

Profº.	Relato dos professores
P ₁	<i>Através de avaliação oferecida pela Secretaria de Educação.</i>
P ₂	<i>Primeiro através de observação diária, depois são repassados a direção da escola e técnica educacional que encaminham possíveis casos para os órgãos competentes SEMED para o diagnóstico final.</i>
P ₃	<i>Acontece com a observação do não avanço do aluno, investigação familiar, encaminhar a criança para uma avaliação interdisciplinar, interpretar avaliações realizadas por outros profissionais em conjunto.</i>
P ₄	<i>Diante das observações diárias do aluno em sala de aula, faz-se as anotações nas fichas e encaminha-as para o setor competente para a avaliação.</i>

Considerando as respostas, é possível observar que, o diagnóstico dos alunos que possuem necessidades educacionais especial é feita a princípio pela observação dos professores, como nos afirma a Profª 2. A partir daí os alunos são encaminhados para os órgãos competentes para que tenha um laudo final afirmando o tipo de deficiência que o aluno apresenta. Ainda o professor 3 lembra da importância da família nesse diagnóstico prévio, para que se tenha uma grande ajuda para compreender a real situação do aluno.

A técnica educacional ressalta que após esse grande processo de investigação de triagem, se confirmado o diagnóstico, o aluno terá um melhor acompanhamento com profissionais especializados na área podendo promover o desenvolvimento e a interação do aluno de forma correta em sala de aula.

Assim, pode-se perceber o quanto o papel do professor é importante na sala de aula, através de sua formação básica seus conhecimentos pedagógicos e a formação continuada desses vêm facilitar o seu trabalho perante a esse aluno que tanto necessita de sua ajuda. Essa busca constante de conhecimento pode transformar pequenos problemas em grandes vitórias a serem desenvolvidas através do próprio potencial do aluno.

A forma como o professor vê o seu aluno acaba muitas vezes por determinar a sua interação com ele, seu desempenho como estudante e de suas possibilidades de aprendizagem. Estas representações são conhecimentos construídos na experiência escolar, mas que não é tão facilmente observável para o professor quanto a absorção dos conteúdos curriculares. (FUMEGALLI, 2012, p. 39).

E ainda foi questionado na pergunta 8: **Quais os desafios enfrentados por você ao se deparar com alunos que possuem dificuldade de aprendizagem ou algum transtorno não diagnosticado?** É possível destacar que dos desafios enfrentados pelos professores, estão: a falta de formação, escassez de recursos e materiais didáticos, ausência do apoio familiar, falta de uma coordenação pedagógica para auxiliar e a precária estrutura da escola. Todos os entrevistados afirmaram que, a carência do apoio familiar é o maior desafio por eles encontrados, dificultando o trabalho dos professores. A técnica ainda relata que o maior desafio é conseguir o diagnóstico da equipe da SEMED e de especialistas, quando é o caso.

Com isso, observa-se, portanto que, a parceria entre família e escola continua como peça principal para um bom desenvolvimento e falta desse compromisso familiar perante a escola, acaba influenciando negativamente o desempenho do aluno.

Concluindo a entrevista, foi perguntado na questão 9: **Que estratégias são utilizadas para promover a inclusão escolar e o desenvolvimento de todos em sala de aula?** O quadro nº 7 traz os métodos utilizados pelos professores dentro da sala de aula.

Quadro 7. Que estratégias são utilizadas para promover a inclusão escolar e o desenvolvimento de todos em sala de aula? Fonte: Professores de EMEF, São Tomé, Itaituba/PA(2018).

Profº.	Relato dos professores
P ₁	<i>Aulas expositivas, utilização de materiais concretos.</i>
P ₂	<i>Trabalho a importância do respeito a diferenças, aqui na escola a inclusão escolar é sempre reforçada, a solidariedade e o amor ao próximo faz com sempre gera uma boa aceitação dos alunos.</i>
P ₃	<i>Atendimento na sala de recursos multifuncional, parceria da escola com a família.</i>
P ₄	<i>Procuo envolvê-los de forma que todos interajam e respeitem, fazendo que todos sem exceção, participem das mesmas atividades.</i>

Verificando as respostas, é perceptível que, todas as professoras buscam estratégias para promover a inclusão de todos em sua sala de aula através do respeito às diferenças, da relação de parceria entre todos, havendo sempre o amor ao próximo facilitando a integração entre família e escola. A técnica fala ainda que todos os alunos têm o direito aprender e partindo desse princípio, a escola busca sanar todas as dificuldades que impedem os alunos de ter acesso a garantia de seu direito.

Dessa forma, o trabalho em conjunto é sempre a melhor maneira de quebrar paradigmas entre as diferenças que existem em sala de aula, sempre respeitando as limitações de cada criança, pois é direito do aluno ter acesso ao atendimento especializado que é ofertado através do apoio da SEMED e os demais profissionais.

Verifica-se, portanto, que, embora o documento defina que a função do AEE é a de identificar e elaborar recursos pedagógicos, ele amplia essa atuação para a eliminação das dificuldades de acesso. Além disso, determina que as atividades desenvolvidas AEE deve se distinguir das realidades na sala de aula comum, pois ele “complementa e/ou suplementa a formação com vistas à autonomia e independência na escola e fora dela” (SOARES; CARVALHO, 2012, p. 40, 41).

3.4 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Diante dos resultados da pesquisa, percebeu-se a necessidade da realização de uma palestra para os professores da escola São Tomé, local da pesquisa, objetivando mostrar os resultados das pesquisas. Então, no dia 21/01 (quarta-feira) foi ministrada a referida Palestra na semana pedagógica da escola sobre a valorização da formação continuada em educação especial por meio de slides com os quadros demonstrando as falas dos entrevistados.

A socialização da pesquisa foi iniciada falando da escolha do tema, das experiências vividas em sala de não poder ajudar um aluno com dificuldades/transtorno por não ter formação suficiente para o atendimento com qualidade. Daí o sentimento da necessidade de formação continuada na área da educação especial e inclusiva.

Em seguida foi efetuada uma fundamentação teórica do tema por meio do diálogo bem à vontade com todos os funcionários presentes incluindo os vigias e os estagiários ali presentes. Nesse momento foi possível responder as dúvidas quanto aquele conteúdo. O público pareceu bem interessado com bastante interação, conforme figuras 4 e 5.



Figura 4 e 5. Socialização dos resultados da pesquisa.

Ficou confirmado com a diretora e a técnica da escola, uma capacitação através de uma formação continuada na área da educação especial, onde se fará presente profissionais especializados, o psicopedagogo, o neuropsicopedagogo, e demais profissionais, organizando uma formação sobre a matemática, uma vez que os professores necessitam estarem se capacitando continuamente.

A figura 6 mostra a acadêmica juntamente com todos os participantes da palestra.



Figura 6: Final da Socialização.

Após o término da palestra socializadora dos dados coletados com os professores da escola São Tomé com referência a necessidade de formação contínua para atender aos alunos e saber diagnosticá-los, a técnica educacional, prof^a Ana Paula, que sempre acompanhou no âmbito escolar, agradeceu a participação/socialização do Trabalho de Conclusão de Curso e solicitou o retorno à escola para outras participações/colaborações, conforme mostra a figura 7.



Figura 7. Técnica Educação, prof^a Ana Paula comentando sobre a palestra.

Portanto, ao fim desta apresentação foi possível observar a satisfação de todo o corpo docente ao assistir aquela palestra, e seu entusiasmo na busca em aprender e em sair da inércia, a necessidade da busca por conhecimento. E findaram com a promessa de se policiar em relação as formações e sempre que puderem estarão presentes nas capacitações proporcionadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento desse estudo faz uma análise da educação inclusiva no Brasil, destacando as mudanças ocorridas em busca de melhorias para que o aluno que apresentam limitações e dificuldades de aprendizagem, ou até deficiência seja aceito e respeitado dentro do âmbito escolar. Ressalta a história da criança com deficiência que até em séculos passados era considerada uma aberração para a sociedade. Somente na década de 70, começou-se a discussão por instituições públicas e privadas a fim de assegurar o direito a educação para todos, considerando os conceitos históricos que dizem que toda criança tem direito a uma educação de qualidade.

As dificuldades de aprendizagem e o diagnóstico das deficiências são identificadas pelos órgãos e profissionais competentes para atuar de forma correta com os alunos que possuem alguma dificuldade de aprendizagem. Em relação ao olhar do professor e o aluno com deficiência, vale salientar, que, o professor não pode se permitir em apenas aceitar o aluno com necessidades educacionais especiais em sala de aula, porém, que o professor promova metodologias que possibilite a interação de todos os alunos de forma igualitária.

O apoio da sala especializada (AEE), possibilita ao aluno que possui necessidades educacionais especiais, receber apenas um auxílio ajudando-o a desenvolver seu potencial através da parceria do profissional especializado, tornando assim um desafio para o professor que não possui uma formação continuada para estar desenvolvendo um trabalho de forma satisfatória para com o aluno que possui necessidades educacionais especiais.

A partir da análise das entrevistas, pode-se compreender que a formação continuada é muito importante para aperfeiçoar o desenvolvimento do trabalho do professor, sendo que esse aperfeiçoamento possibilita um suporte em situações vivenciadas em sala de aula. Foi possível analisar a formação continuada dos professores na educação inclusiva, em que foi percebido certo descaso por parte dos profissionais que não se interessam em dar continuidade em sua formação perante as dificuldades apresentadas pelos alunos que possuem necessidades educacionais especiais. Não basta somente a formação básica para atuar em sala de aula comum.

O maior desafio enfrentado pelos professores é a ausência do apoio da família em aceitar e acompanhar seus filhos que possuem necessidades educacionais especiais, pois dificulta o processo de avaliações do aluno para o diagnóstico. Outro desafio enfrentado pelos profissionais de educação é a demora da equipe da SEMED para enviar o diagnóstico e de especialistas, quando for o caso, devido a demanda que é muito e a equipe que acompanha esse processo é pequena.

Para promover a inclusão escolar e o desenvolvimento de todos em sala de aula, é realizado um trabalho de forma coletiva fazendo com que todos se sintam envolvidos nas atividades propostas, utilizando também de recursos multifuncionais através da sala especializada (AEE), e promovendo a parceria da escola com a família, através de eventos e outras ações da escola a fim de garantir que todos os alunos tenham possibilidade de aprender como um todo.

BIBLIOGRAFIA

BAGGIO, Renato Santos. **Dificuldades encontradas pelo gestor e professores na execução da educação inclusiva: Análise na Escola Municipal de Ensino Fundamental Brigadeiro Eduardo Gomes, Santarém-PA.** TCC. Faculdade de Itaituba – FAI; Itaituba-PA, 2016.

BATISTA, Cristina Abranches Mota **Educação inclusiva: atendimento educacional especializado para a deficiência mental.** [2. ed.] Cristina A. M. Batista, Maria T. E. Mantoan. – Brasília: MEC, SEESP, 2006.

BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes nacionais para educação especial na educação básica.** Secretaria de Educação Especial – MEC. SEESP, 2003.

BÍBLIA, **De estudo da mulher.** Traduzido em português por, João Ferreira De Almeida. Edição corrigida e Revista. Belo Horizonte. Atos, 2002.

CARNEIRO, Relma U. Carbone. **Formação em serviço de professores da educação infantil para atuação em escolas inclusivas:** possibilidades e desafios a partir da extensão universitária. Ruc, São Paulo, 2016.

DALL'ACQUA, Maria Júlia Canazza. **Atuação de professores do ensino itinerante face à inclusão de crianças com baixa visão na educação infantil.** Universidade Estadual Paulista, Araraquara, Brasil. Araraquara: São Paulo, 2007.

DELLANI, Marcos Paulo, MORAES, Deisy Nara Machado. Inclusão: **Caminhos, encontros e descobertas.** Revista de Educação do Ideau, v. 7, n. 15, 2012

FITÓ, Anna Sans. **Por que é tão difícil aprender? O que são e como lidar com os transtornos de aprendizagem.** São Paulo: Paulinas, 2012.

FUMEGALLI, Rita de Cassia de Avila. **Inclusão Escolar: O Desafio de uma Educação para todos?** Trabalho de Conclusão de Curso. UNIJUÍ, Ijuí – RS, 2012.

GIL, Marta. **Educação inclusiva: O que o professor tem a ver com isso?** São Paulo, 2005.

MARQUES, Simone de Cássia Moura. **O processo de inclusão e as dificuldades do professor na sua aplicabilidade em sala de aula.** TCC. Universidade de Brasília UnB, Brasília: DF, 2011.

MACHADO, Ruth Lopes. **O desafio do trabalho docente com alunos de Deficiência Intelectual – Análise dos Professores da APAE em Itaituba Pará.** Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Itaituba – FAI. Itaituba-Pará, 2017.

MICHELS, Lísia R. Ferreira; DÍAZ, Gabriela Andrea. Psicologia e educação: A inclusão da pessoa com necessidades especiais na universidade: na perspectiva dos professores. In: PLONER, K. S., *et al.*, org. **Ética e paradigmas na psicologia social** [online]. Rio de Janeiro, 2008.

MOREIRA, Adriana de Araújo Rocha. **O aluno com Síndrome de Down na Escola Inclusiva: Percepções das mães e professores de uma Escola Pública de Itaituba-PA.** TCC, Faculdade de Itaituba – FAI, Itaituba – Pará, 2016.

PETRONILO, Ana Paula da Silva. **Dificuldade de aprendizagem na leitura e na escrita.** Universidade de Brasília, Brasília – DF, 2007.

PLETSCH, Márcia Denise. **A formação de professores para a educação inclusiva: legislação, diretrizes políticas e resultados de pesquisas.** Educar, Curitiba, n. 33. Editora UFPR, 2009.

ROSA, Angela Coronel da. **Educação Inclusiva In:** Universidade Luterana do Brasil – Ulbra (org.). Curitiba: Editora Ibpx, 2009.

ROGALSKI, Menin Solange. **Histórico do surgimento da Educação Especial. Revista de Educação do Ideau.** Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai-RS, 2010.

SALES, Valquíria Silva. **Desafios da docência na educação inclusiva: Análise da E.M.E.F. Antonio Gonzaga Barros, Itaituba-PA.** Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Itaituba, Itaituba – Pará, 2008.

SAMPAIO, Simaia. **Dificuldades de aprendizagem: a psicopedagogia na relação sujeito, família e escola.** 3. Ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2011.

SANTOS, Nilza Maria dos. **Problematização das dificuldades de aprendizagem.** TCC. Universidade Estadual de Londrina. Londrina: PR, 2009.

SOARES, Maria Aparecida Leite; CARVALHO, Maria de Fátima. **O professor e o aluno com deficiência.** São Paulo: Cortez, 2012.

SILVA, Margaret do Rosário. **Dificuldades enfrentadas pelos professores na Educação Inclusiva.** TCC Curso. Universidade de Brasília UnB, Brasília: DF. 2011.

SILVA, Gabriela Ribeiro. **Educação Inclusiva: os desafios da atuação do professor da sala de recursos e do itinerante na Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio Gonzaga Barros, Município de Itaituba-PA.** TCC – Faculdade de Itaituba, PA- Itaituba Pará, 2012.

SIQUEIRA, Gisele Nunes. **Educação Inclusiva: Desafios docentes nas Escolas Municipais de Formosa – Go.** Trabalho de Conclusão de Curso. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - Campus Formosa - Goiás: GO, 2015.

TÉDDE, Samantha. **Crianças com Deficiência Intelectual: a aprendizagem e a inclusão.** TCC. Centro Universitário Salesiano de São Paulo – Americana, 2012.

TEIXEIRA, Maria Elinéia. **O Profissional de Educação Infantil diante da inclusão de crianças com necessidades especiais: uma análise no Centro de Educação Infantil a Mão Cooperadora II.** TCC. Faculdade de Itaituba, PA- Itaituba-Pará, 2011.

UNESCO. **Declaração de Salamanca sobre princípios, política e práticas na área das necessidades educativas especiais**, 1994.

VELTRONE, Aline Aparecida; MENDES, Enicéia Gonçalves. **Diretrizes e desafios na formação inicial e continuada de professores para a inclusão escolar**. Congresso Estadual Paulista Sobre Formação de Educadores. Universidade Estadual Paulista, Pró-Reitoria de Graduação. Águas de Lindóia, SP, 2007.

APÊNDICE A –
ENTREVISTA PARA OS PROFESSORES

FAI – FACULDADE DE ITAITUBA
Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia
Acadêmica: Evilene dos Santos Souza

Com o objetivo de realizar um estudo sobre os desafios da educação inclusiva quanto à formação dos professores, é de extrema importância ter a sua opinião. Para tanto, propõe-se que você responda aos questionamentos abaixo.

I. Identificação:

- a) Graduação: _____
- b) Pós-Graduação: _____
- c) Curso(s) na área da educação especial ou inclusiva; ou outra capacitação que lhe possibilitou atender melhor o aluno com dificuldade de aprendizagem ou algum transtorno não diagnosticado.
- _____
- _____
- _____
- d) Série/Ano que leciona? _____
- e) Quantos alunos na turma? _____
- f) Possui algum aluno com deficiência ou alguma dificuldade de aprendizagem ou algum transtorno não diagnosticado? Quantos?
- _____
- _____

II. Prática docente:

1. Como você avalia o seu trabalho frente à educação inclusiva?

() Excelente () Bom () Regular

Justifique: _____

2. O que você entende por inclusão de crianças com necessidades especiais nas classes regulares?

3. Você encontra alguma dificuldade para desenvolver seu planejamento com alunos que possuem dificuldade de aprendizagem ou algum transtorno não diagnosticado?

4. Você teve alguma capacitação para atuar com o tipo de necessidade apresentada pelo aluno? E este ano, passou por alguma capacitação? Se, sim, a capacitação atendeu suas expectativas?

5. Em sua opinião, é importante a formação continuada dos professores pelos órgãos competentes?

6. Você já buscou capacitação com recursos próprios para melhor atender o aluno que apresentam dificuldades diversas?

7. Como acontece o diagnóstico de alunos que apresentam dificuldade de aprendizagem ou algum transtorno não identificado?

8. Quais os desafios enfrentados por você ao se deparar com alunos que possuem dificuldade de aprendizagem ou algum transtorno não diagnosticado?

- () Falta de formação
- () Escassez de recursos e materiais didáticos
- () Ausência do apoio familiar
- () Falta de uma coordenação pedagógica para auxiliar
- () Precária estrutura da escola

Outras: _____

9. Que estratégias são utilizadas por você para promover a inclusão escolar e o desenvolvimento de todos em sala de aula?

Agradecemos a colaboração nesta pesquisa!